

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO**

**MESTRADO EM BIOÉTICA**

**Daniela Módena Gianini**

**O REFUNDAR DO CONCEITO DE SAÚDE EM PLATÃO:  
LEITURA E RE-APRESENTAÇÃO DOS REFERENCIAIS  
BIOÉTICOS DIANTE DE UMA VISÃO  
SOCRÁTICA/PLATÔNICA**

REVISADO

**São Paulo**

**2015**

**Daniela Módena Gianini**

**O REFUNDAR DO CONCEITO DE SAÚDE EM PLATÃO:  
LEITURA E RE-APRESENTAÇÃO DOS REFERENCIAIS  
BIOÉTICOS DIANTE DE UMA VISÃO  
SOCRÁTICA/PLATÔNICA**

REVISADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Mestrado em Bioética do Centro Universitário São Camilo, orientado pelo Prof. Franklin Leopoldo e Silva e pelo professor Dr William Saad Hossne, como requisito para obtenção do título de Mestre em Bioética

**São Paulo**

**2015**

**Daniela Módena Gianini**

**O REFUNDAR DO CONCEITO DE SAÚDE EM PLATÃO:  
LEITURA E RE-APRESENTAÇÃO DOS REFERENCIAIS  
BIOÉTICOS DIANTE DE UMA VISÃO  
SOCRÁTICA/PLATÔNICA**

REVISADO

São Paulo, 16 de MARÇO de 2015.

---

Professor Orientador: Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva

---

Professor Co-Orientador: Prof. Dr. Willian Saad Hossne

## DEDICATÓRIA

*Dedico o respectivo trabalho aos meus  
filhos Marília, Lahaina e Lucas, por  
entenderem meus momentos de  
solidão para estudar; aos  
mestres; e sobretudo, com muito  
carinho ao meu amigo Samuel Sabino  
por ser muito consciente e entender  
que responsabilidade é cuidado.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos mestres prof Dr Franklin Leopoldo e Silva pela paciência e cuidado na elaboração de presente trabalho e ao Prof Dr Willian Saad que acreditou em minha proposta; em especial agradecer ao meu querido amigo Samuel Sabino por ser sempre presente e companheiro; e também aos amigos das longas jornadas do dia a dia André Marcellus, João Ferreira, Kelly Komori, Geninho Obreve, Renata Berenger e a minha amada e paciente amiga Priscila Furgeri certamente sou bem aventurada, pois conheço as melhores pessoas do mundo.

*Ter alguém para chamar de amigo é o mesmo que contemplar a face de Deus  
na Terra. MD*

MODENA, Daniela S. **O REFUNDAR DO CONCEITO DE SAÚDE EM PLATÃO: LEITURA E RE-APRESENTAÇÃO DOS REFERENCIAIS BIOÉTICOS DIANTE DE UMA VISÃO SOCRÁTICA/PLATÔNICA.** Dissertação – 2015 / 75 páginas. (Pós-Graduação em Bioética) - Mestrado em Bioética, Departamento de Pós-Graduação em Bioética, Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2015.

O ser humano desde o primórdio busca por sua preservação, sua permanência nisso que ele denomina vida. Por várias vezes, ele acredita que é um ser infinito dentro de uma jornada finita, e nisso, mascara sua existência dissimulando acreditando que sempre haverá o amanhã, contudo, este pode faltar a qualquer momento. E no dissimular de sua existência esse entra em embates constantes o que por vezes poderá desencadear maleseia partir daí o conflito entre a dualidade corpo e alma entra em conflitos. E será dentro desse cenário que poderemos contemplar que na busca de uma sobrevida, na verdade ele encontrará abalos e esses desencadearão males para sua existência comprometendo assim sua saúde. Desta forma, buscamos apresentar uma proposta de contemplação de si mesmo ou porque não dizer: “conhece-te a ti mesmo” para que esse ser humano tenha consciência de si próprio para depois buscar ou alcançar o fora. E uma vez em posse do conhecimento de si reconhecer a outrem será uma disposição e não uma oposição conflituosa. Entender a si mesmo, será o mesmo que levar a outrem – e muitas vezes esse sofre – analgesia, cuidado, responsabilidade. Portanto, dentro de uma proposta platônica/socrática o presente trabalho tem como intuito propor que antes mesmo de se cuidar do corpo, ou seja, extirpar apenas os males que ora pode causar dores, a saúde deve ser tratada primeiramente como algo que procura alcançar o sofrimento daquele que desencadeou males para seu próprio corpo. E na ação do conhecimento do que se é e reconhecimento de outrem, veremos que já na antiga Grécia a ação Bioética era presente ante aos conflitos e embates que o ser humano trava com sua própria espécie.

**Palavras-chave:** Saúde. Cuidado. Referenciais. Filosofia. Ética.

**MODENA, Daniela S. THE REFOUND OF HEALTH CONCEPT IN PLATO: READING AND RE-SUBMISSION OF BIOETHICAL REFERENCES BEFORE A SOCRATIC/PLATONICVISION.** Dissertation - 2015/75 pages. (Graduate in Bioethics) - Master in Bioethics, Department of Graduate Studies in Bioethics, University Center St. Camilo, São Paulo, 2015

Since primordial times, human beings have searched for their preservation, their permanence in what they call 'life'. Various times, humans believe they are infinite beings within a finite journey, and through this, mask and conceal their existence, believing that there will always be a "tomorrow". However, a "tomorrow" may be lacking at any time. And in the disguise of their existence, they come into constant clashes, which sometimes, may lead to evils or disturbances, and from there, the conflict between the duality of body and soul comes into conflict. And it will be in this scenario that we can contemplate that in the search for survival they will actually find shaking issues, and these will trigger ailments for their existence, and thus compromise their health. Thus, we present a proposal for a contemplation of oneself or why not say: "Get to Know yourself" so that this human being has his own self awareness. Then, after that, seek or reach for the outside. And once in possession of the knowledge of self, the recognition of others will be a natural disposition and not a confrontational opposition. Understanding oneself will be the same as leading another - and often this one suffers - analgesia, care, responsibility. Therefore, within a Platonic / Socratic proposal, this work has the intention of proposing that even before taking care of one's body, i.e., only root out the disturbances that can cause pain, health should be viewed primarily as something that seeks to achieve the suffering of the one who unleashed the evils into his own body. And in the processes of self knowledge and the recognition of others, we will conclude that, already in ancient Greece, Bioethical action was present due to the conflicts and clashes that man engages with his own kind.

Keywords: Health Care. Referential. Philosophy. Ethics.

## SUMÁRIO

Introdução.....	8
RevisãoBibliográfica .....	13
1 Conceito de Saúde para Platão: base da medicina.....	14
1.1 Conceito de Saúde para Platão: base da medicina.....	14
1.2 Quando não nos conhecemos não há cuidado .....	20
2.0Cuidado enquanto ética socrática: o ninar da Bioética.....	40
2.1Ética socrática o cuidado de si e o cuidado de outrem .....	43
2.2Porque comparar a saúde com a <i>politeia</i> .....	49
2.3Saúde em definição da OMS é total bem estar físico, mental e social. Saúde em definição de Platão é justiça.....	<u>53</u>
2.4 De clientes à paciente: uma proposta levinasiana de reconhecimento do outro enquanto paciente .....	55
3 Princípios Bioéticos? Referencias socráticos! Refundar do Conceito de Saúde em Platão .....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
Referências Bibliográficas.....	72



## Introdução

O presente trabalho procurará apresentar o refundar do conceito de saúde em Platão, tendo em vista estabelecer o conceito de equidade no tratamento da saúde. E, uma vez reinaugurado o conceito de saúde propor juntamente com a Bioética ações que regulem o trato entre as partes, isto é, profissional de saúde e paciente.

Para tal feita, percorreremos através fontes socráticas, onde poderemos perceber que a mensagem ética está diretamente ligada à saúde. Notaremos que para Sócrates de Platão a saúde será o núcleo de toda sua mensagem ética. Também contaremos com a bibliografia de Emmanuel Levinas, o qual nos apresenta o cuidado como responsabilidade com outrem, e aponta que aquele que cuida em face ao despojamento possibilitara analgesia àquele que sofre.

Sendo assim, buscaremos entender a proposta de saúde na conceitualização de Platão – nos diálogos que entendemos como primordiais para tal como: Alcebiades, Apologia a Sócrates e Carmides - e ter como base o conceito de saúde/responsabilidade. Para isso, apresentar o que é homem, alma e saúde nos conceitos platônicos e partir daí propor a unidade entre as partes, isto é, a justa medida da condição humana. Uma vez em “posse” da conceitualização traçar elementos que possibilite o reconhecimento daquele que sofre e ou padece na iminência de morte ou no perder de sua “saúde”.

Já para o reconhecimento de outrem, ou seja, aquele que sofre, teremos fortes suportes em Levinas, o qual apresenta a ética como a filosofia primeira, ou ainda mais, como a responsabilidade, e uma vez em posse da postura ética, aquele que cuida, ainda que como mera analgesia transitória, será capaz de oferecer ao reconhecido o restabelecimento de sua saúde, isto é, “reunificação” de corpo, alma e saúde.

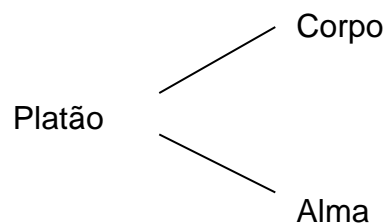
Uma vez que tanto para Sócrates quanto para Levinas o que está em jogo é a ética e essa será responsável diretamente pela saúde, seja na

primeira pessoa ou de outrem. Facilmente podemos notar que a ética desde os seus primeiros idealizadores, traz consigo a ação reguladora, e aqui se faz necessário a analogia com a ação reguladora que é permissível às ações da Bioética. Portanto, para se falar em ações reguladoras da Bioética na área da saúde, será preciso remontar os conceitos de saúde – vale lembrar, esse é o interesse deste trabalho – para assim haver de fato a ação reguladora da supracitada.

### Conceitos

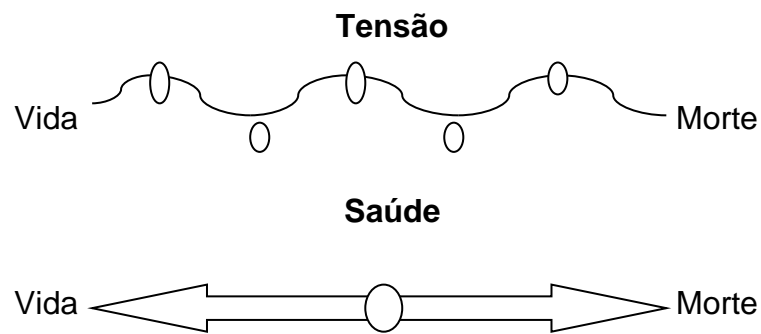
Homem/Saúde Veremos que o cuidado com o corpo está a favor da alma. Havendo justa medida, justa proporção, a harmonia natural, o acordo do corpo consigo mesmo será intrínseco, permitindo estabilidade com o que lhe é exterior.

Platão apresenta o Homem composto de duas dimensões



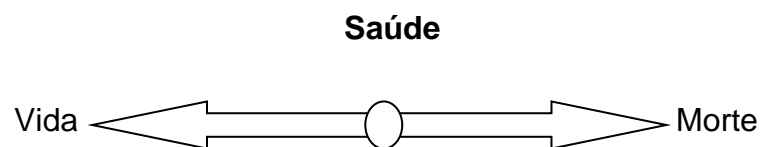
Sócrates apresenta o cuidado da alma como núcleo de sua mensagem ética.

É possível notar que a saúde é o meio entre dois extremos, e havendo justa medida haverá o curso natural das coisas, no entanto, quando houver tensão entre vida e morte será preciso restabelecer ao longo dessa tensão a existência de harmonia, do contrário há o desacordo entre o corpo e alma. Uma vez que o que permite harmonia é a saúde, essa deverá ser o centro entre os binômios, corpo e alma, vida e morte.



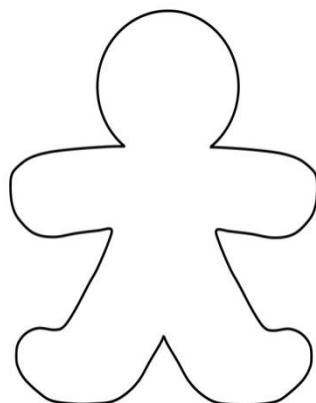
### Harmonia

Para se falar em saúde teremos que ao menos tentar harmonizar as partes, isto é, dois extremos será preciso identificar a medida e o medido, ou seja, o continente e o contido.



### Harmonia

**Continente:** medida exterior de uma totalidade



**Conteúdo:** medida interior de uma totalidade

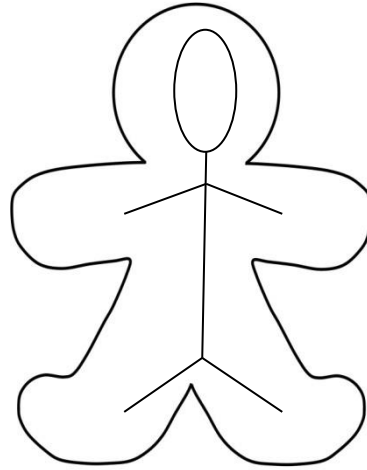


Há de se harmonizar continente com conteúdo, ou seja, o medido com a medida, só assim poderemos falar da justa medida. E veremos que em Platão, a justa medida será necessariamente aquilo que ele cunha como saúde.

Havendo a regulação entre continente e conteúdo, estaremos em posse da mensagem ética. No entanto, não havendo possibilidade da reestruturação da saúde corporal, deve-se voltar para a reestruturação ou ao menos propor o cuidado de restabelecimento do equilíbrio da alma, nous/psyké, isto é o que Levinas apresentará como responsabilidade/alteridade, reconhecimento do outro, oferecendo-lhe analgesia/cuidado, assim poderemos dizer que:

Mensagem ética seja socrática ou levinasiana é enxergar o continente e o conteúdo, por assim dizer, a medida e o medido daquilo que vejo face a face.

**Continente:** medida exterior de uma totalidade/medido aquilo que vejo e descarto do paciente.



**Conteúdo:** medida interior de uma totalidade/medida aquilo que vejo para além do rosto do paciente.

Nossa proposta segue com intuito de apresentar o cuidado àquele que sofre, não apenas sanar a dor física. É sabido a medicina, há tempos busca a melhoria para o corpo, após anos de exercício podemos notar que seus avanços são astronômicos. Contudo, faz-nos pensar que ainda que seja extirpado um mal, um tumor e/ou vírus, aquele corpo antes de qualquer ação é provido por algo ainda superior, que é sua alma. Portanto, em ação de reconhecimento, atrelado à ação reguladora da Bioética, nossa proposta tal como apresentar o refundar do conceito de saúde, trará igualmente uma proposta de reconhecimento no trato com o paciente.

### **Revisão Bibliográfica**

Seguindo assim, como acima mencionado, tomaremos como base as obras platônicas, Alcebíades, dialogo este que apresentará que não é porque se tem bons atributos que se pode ser um bom governante, e quando se pensa nos atributos há o esquecimento do que se é. Nisso, a base central do referido dialogo é o de convidar aqueles que estão no esquecimento de si ao “conhece-te a ti mesmo”, máxima do Oráculo de Delfos; Apologia a Sócrates que nos direcionará ao conhecimento de si em contribuição ao cuidado do outro;

República a qual nos trará a fundamentação do conceito de saúde em Platão, quando ele nos apresentará que a Justiça é a saúde e equilíbrio da polis. Teremos também forte suporte nos autores em ARISTOTELES -**Ética a Nicômaco** a qual nos apresentará moldes de justiça; FRIAS, Ivan -**Doença do corpo, doença da alma**, que também nos confere a proposta platônica sobre a dualidade do homem; HADOT, Pierre -**O que é filosofia antiga?** comentador, sobre as obras platônicas, sobretudo, Apologia; JAEGER, Werne -**Paidéia**, um dos principais veículos para se conhecer a história da filosofia antiga; LEVINAS, Emmanuel -**Totalidade e Infinito e Entre nós**, que nos dará o entendimento sobre alteridade e como nos relacionar com outrem; PESSINI, Leocir - **Problemas atuais de bioética**; PURSHOUSE, Luke -**A república de Platão**, comentador do livro a República e por último e tão ou mais importante REALE, Giovanni, que nos impulsionou com suas obras o interesse pelo refundar do conceito de saúde com as **Corpo, Alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão, além de outras obras como **Historia da Filosofia: Antiguidade e Idade Média** e **História de Filosofia Grega e Romana: Sofistas, Sócrates e Socráticos menores**.

## 1 CONCEITO DE SAÚDE PARA PLATÃO: BASE DA MEDICINA

### 1.1 De que forma podemos afirmar ou dizer que existe saúde?

Ora, se não houvesse um corpo avariado, uma mente com distúrbios, moléstias que corroem o corpo e psicoses que desestabilizam famílias; se, em nenhum momento existissem momentos como estes, jamais teríamos noção do que significa saúde, ou pelo menos, bem estar. *Se, estamos sadios não nos damos conta do que seja saúde*, só falamos ou percebemos a saúde na sua ausência, quando alguma moléstia ataca um corpo dito sadio.

Mas se observarmos por esse lado, ou seja, o de que só nos damos conta da saúde quando esta está ausente, então, de certa forma, gozar de saúde, não será de um todo bom, pois, quando estamos sadios, sem preocupações, não nos atentamos a nós mesmos e, nesse ponto, o esquecimento de si, gerará possibilidades de doenças ou desequilíbrio físicos e mentais, por assim dizer, haverá enfrentamento entre o que era saudável com aquilo que o abate. Nas palavras de Reale:

Diferentemente da enfermidade, a saúde não é nunca causa de preocupação, antes, quase nunca somos conscientes de estarmos sadios. Não é condição que convida ou adverte a cuidar de si próprio: de fato, implica a surpreendente possibilidade de ser esquecido de si. (REALE, p. 185 2002)

Visto que Reale apresenta que o descuidado do saber sadio nos suscita que a saúde não é *condição que convida ou adverte o cuidado de si*, necessariamente, voltamo-nos à Sócrates de Platão. Evidentemente, Reale nos convida a aprofundarmos mais nas propostas socráticas de entendimento ao cuidado de si quando se utiliza dos diálogos de Platão para falar da saúde. Dessa forma, buscaremos junto ao autor o *refundar* do conceito de saúde em Platão (REALE, 2002), e a partir daí entender a proposta de moral do cuidado de si e do outro.

Há de se saber, que o fundamento do conceito de saúde, está totalmente fundamentado na medicina, contudo, Platão aprofunda esse seu conceito nos seus princípios filosóficos:

O ponto de partida de Platão para a pesquisa e a definição de saúde foi, sem dúvida, o da medicina, mas o que extraiu dela foi amplamente aprofundado e fundamentado nos princípios da sua filosofia, e até mesmo sobre aqueles fundamentos metafísicos que ele desenvolveu, sobretudo nas suas doutrinas não escritas. (REALE, p. 185 2002)

Platão ao tratar do conceito saúde o fez com vistas às coisas em si, ou seja, como falar de saúde, se nem ao menos a percebo quando estou sadio? Nesse momento, faz se pensar que ao falar de saúde ou de doença eu preciso necessariamente ter conhecimento daquilo que sou, da forma com a qual me relaciono comigo mesmo e de que maneira reporto o conhecimento de mim mesmo com o corpo ao qual me relaciono.

Certamente, ao se falar em saúde, será preciso identificar em Platão que falamos daquilo que o compõe, isto é, seu corpo. Mas não apenas o corpo físico, mas também, e sobretudo, sua alma. Nisso, veremos juntamente com Reale que a justa medida, ou o equilíbrio entre o corpo e alma, será todo o *fulcro* que fundamentará o conceito de saúde para Platão.

Ao cogitarmos em fulcro, veremos que o convite ao equilíbrio do binômio corpo e alma será a consciência de que para se pensar em saúde não podemos de forma alguma supervalorizar uma das partes, conquanto, devemos atentar ao que cada uma delas necessita. Dessa forma, *não ao excesso*, nem ao *muito pouco*, para atentarmos ao que cada uma delas necessita, devemos atentar ao que é a justa medida, ao que lhe é natural. Daí consiste precisamente o papel da medicina, como bem nos apresentou Jaeger:

O médico é chamado a restaurar a medida oculta, quando a doença vem alterá-la. Em estado de saúde, a própria natureza se encarrega de



implantá-la, ou antes, é ela a própria justa medida.  
(JAEGER, P.1035 Paideia)

Diante de tal informação, veremos que a saúde é por si a própria natureza, e cabe a cada um cuidar dessa natureza, contudo, ao que notamos, em dado momento, o ser humano, por estar sadio, esquece-se de que a qualquer momento a enfermidade pode se achegar. Com efeito, esse será o momento ao qual, necessariamente, o médico entra em ação, mas, para tanto, esse precisará ter conhecimento daquilo que *trata* e do *tratado*. Por esse motivo surgem as questões: como cuidar de si próprio; como identificar-se sadio e não enfermo; o que vem a ser justa medida; de que modo os médicos podem ou não identificá-la?

É sabido, desde os tempos mais remotos, o ser humano tem a preocupação de autopreservação e a preservação da sua prole. Ainda que em tempos tão longínquos o ser humano não possuísse a plena consciência das coisas que o cercavam, ele sempre teve as voltas com o bem estar e com a conservação, sempre visando um fim, a felicidade. Ainda não sabemos ao certo falar sobre essa consciência das coisas que o cercavam, mas uma coisa é certa, o bem estar e a conservação sempre foram quesito de primeira ordem para sua permanência na Terra. Entretanto, como equilibrar, como estabelecer um ponto ou uma medida certa para sua permanência? Tal como em Reale, notemos que antigamente, diferente dos dias de hoje a noção de proporção, quantidade e qualidade eram muito precários. Contudo, com o passar dos anos, a evolução e os padrões dos conhecimentos passam, além de suas funções iniciais, auxiliar aos homens em seu viver.

Assim, o conhecimento do *excesso* e da *falta* da *qualidade* e da *quantidade* abrirá ao ser humano as características de potencializar as coisas em *mais* e em *menos*. Tornando-o, no ser que busca sempre a estabilidade, o equilíbrio, isto é, a justa medida. E essa busca, possibilitará, entre outras coisas, a relação do homem com o *quantitativo* e com o *qualitativo*, *entre o que é bom e o que é ruim*, *entre a falta e o excesso*. E essa mesma busca fundamentará todas as artes e ciências entre elas a medicina:

Tenha-se presente que a admissão de uma medida do “mais” e do “menos” relativamente o justo meio constitui uma verdadeira revolução operada por Platão relativamente ao modo de medir em sentido aritmético [...]: com efeito, trata-se de uma forma de medir não aritmética, quantitativa, mas onto-axiológica. E justamente nesse tipo de medida fundam-se as artes, no nosso caso a medicina(REALE - 2002)

Destarte, se a medicina tal como o ser humano, está em busca da saúde, necessariamente, estão em busca da justa medida. Mas é preciso lembrar que só existe o maior porque em dado momento o menor existiu, e dessa forma, um não pode excluir ao outro. Analogamente falando, se existe enfermidade é porque, em dado momento existiu a saúde e vice versa. Dessa forma, há de se encontrar na união do mais com o menos, e verificar a justa medida. Aqui não valerá toda a regra dos sinais, pois, em matemática, os sinais se alteram ou permanecem de acordo com a regra, isto é, mais com mais, igual a mais, menos com menos, igual a mais e mais com menos, igual a menos. Porém, podemos supor que ao aplicarmos o mais com o menos o resultado possa ser considerado o ponto neutro entre as partes, ou seja, o justo meio. Nem *mais*, nem *menos*. Assegurando assim, que a saúde não está nem *além* nem *aquém* do *justo meio*, mas “preservando a medida que *ela assegura*<sup>1</sup> a bondade e a beleza”.

Admitamos assim a comensurabilidade do mais e do menos; não apenas relacionados entre si, mas também com a justa medida que é necessário estabelecer. (PLATÃO, Politico, 284 ae)

Assim, havemos de considerarmos a existência, e porque não a permanência do *mais* e do *menos* como justa medida para aventarmos a existência de saúde. Contudo, o justo meio, apenas será possível se houver conhecimento de si, ou seja, conhecer-te a ti mesmo. Mas, para isso, digo, conhecer-te a ti mesmo, será preciso estabelecer entre as partes o que são

---

<sup>1</sup>A frase original em Real é: “a medida que elas asseguram”. REALE, p.187

medida e o que é medido, verificando assim o meio entre dois extremos. A saúde.

... de um lado poríamos todas as artes para as quais o numero, os comprimentos, as profundidades, larguras e espessuras se medem por seus opostos, e de outro, todas aquelas que se referem à justa medida, a tudo aquilo que é conveniente, oportuno e devido, a tudo que conserva o meio entre dois extremos. (PLATÃO, Político, 284 ae)

A saber, os dois extremos aqui refere-se ao início e ao fim de um viver, por assim dizer, vida e morte. E entre esses dois extremos, encontraremos a saúde como o equilíbrio, ou seja, a justa medida. Pois, ao iniciar o viver estamos cheios de vida, por assim dizer, com mais saúde. Com o correr dos anos, a diminuição dessa vida/saúde vai se esvaindo, mas esse é o acordo existente entre vida e morte, ou equilíbrio do vivente. Contudo, como o ser humano está sempre em busca de sua preservação, devido a sua finitude, em dado momento, o homem, que percebe que está perdendo sua vitalidade, entra num retrocesso em busca de permanência, e nisso, aquilo que outrora estava em equilíbrio, encontra o desequilíbrio, a saúde se perde e as enfermidades se fazem presente. Com efeito, não havendo mais acordo com o correr de seus dias, aquilo que era a harmonia natural do curso da sua vida, o *acordo intrínseco do organismo consigo mesmo e com o que lhe é exterior*,<sup>2</sup> entra em conflito.

Podemos, então, considerar que ao falarmos de saúde estamos necessariamente, falando do equilíbrio entre duas partes. Consequentemente, conteúdo e continente, medido e medida, totalidade e infinito. Em certa medida,

---

<sup>2</sup>Estamos aqui, analogamente, fazendo uso do Político de Platão para falar de saúde. As citações aqui propostas, são pelo Estrangeiro – personagem principal do dialogo – voltadas para as ações políticas, mas tão ou igualmente com Reale, p.188, concordamos que é possível parafrasear esse dialogo com visão voltada à saúde

sabemos que o ser humano é provido de corpo e alma<sup>3</sup>. Sendo assim, quando algo se desestabiliza, gerando conflito entre as partes, faz-se necessário identificar o que se procura, pois, uma vez que é natural o acordo intrínseco do organismo, ou seja, aquilo que está contido, com aquilo que lhe é exterior, isto é, o continente, qualquer decorrência diferente disso, será objeto de investigação. Se estivermos em busca do justo meio, tudo o que estiver em excesso causará problemas, igualmente o que estiver em demasia faltando. Esse equilíbrio entre o excesso e a falta é segundo Platão, lido por Gadamer, *o que consiste a saúde*<sup>4</sup>. Por isso ao investigarmos o porquê de uma enfermidade, temos que ter em mente duas medidas:

*A primeira se obtém quando se mede um objeto a partir do exterior, a outra, ao contrário, é inerente à própria coisa. As palavras gregas soam assim: metron, que significa medida, e metrion, que indica o que é medido, medida interior de uma totalidade viva. Consideremos portanto, a saúde como a harmonia, como a justa medida, assim também como viam os gregos.(REALLE - 2002)*

Contaremos assim com duas frases para nos auxiliar na identificação da justa medida. *Conhece-te a ti* mesmo, a primeira frase que se lia no templo Delfos e *Nada em excesso*, segunda frase que se lia ao entrar no mesmo templo. Assim diante de tais frases, caminharemos com o fim de apresentar que a saúde plena está, primeiramente, no conhecer-te a ti mesmo, e isso se dará justamente por não praticarmos nada em excesso.

Assim, para que possamos falar em curar, ou restabelecer a saúde de outrem, precisamos primeiro ter consciência do que somos, de quem somos, o que nos é lícito e o que nos convém<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Alma aqui, não no sentido espiritual, mas tão somente como Descartes se relacionou com esse termo, com o cogito, com a consciência, com a razão.

<sup>4</sup>O equilíbrio do qual falamos agora será o mesmo que veremos como o conceito de justiça mais adiante.

<sup>5</sup> “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convém. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas.” I Coríntios 6:12 . Bíblia de Estudo Almeida. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Sócrates de Platão nos apresenta esse caminho, e apesar de parecer que as linhas acima concluem o processo do refundar do conceito de saúde, veremos que são apenas alguns ensaios, pois, para além do que foi proposto até agora, a saúde consiste acima de tudo, em saber realmente o que se é. Dessa forma, antes de qualquer definição do conceito de saúde, passemos a investigar juntamente com Sócrates o que podemos entender por conhece-te a ti mesmo. A partir dessa investigação, entender o que é o cuidado de si e o cuidado do outro e, uma vez que afirmamos que existe um descuido de si, verificar em que momento isso poderá se reverter ao conhece-te a ti mesmo.

## **1.2 Quando não nos conhecemos não há cuidado: um convite ao conhece-te a ti mesmo**

O que é cuidado?

Diariamente nos defrontamos com essa palavra. Seu significado, talvez no sentido mais literal, seja um sinal de alerta, uma ameaça, atenção, cautela, inquietação, algo que desperta instantaneamente vigília naquele que lê ou ouve. Essa definição talvez seja a cotidiana, como quem tem o cuidado descuido ao atravessar a rua; como quem avisa outra pessoa a ter cuidado com a chuva; cuidado que uma mãe dispensa ao se repetir insistentemente aos filhos a mesma frase quando esses saem para irem a escola, ou a qualquer outro lugar: tenha cuidado. Cuidado nesse sentido, por vezes, é tido como uma frase que não necessariamente diz o que de fato é. Quando muito, o conceito cuidado, caiu no uso e desuso como tanta outras palavras que perderam sua significação.

Segundo Nicola Abagnano em seu dicionário de Filosofia, cuidado é:

*(lat. Cura; ai. Sorge, it. Cura). A preocupação, que, segundo Heidegger, é o próprio ser do ser-aí, isto é, da existência. O C. é a totalidade das estruturas ontológicas do ser-aí enquanto ser-no-mundo: em outros termos, compreende todas as possibilidades da existência que estejam vinculadas às coisas e aos outros homens e dominadas pela situação. Heidegger lembra a fábula 220 de*

*Higino como "um testemunho pré-ontológico" da sua doutrina do cuidado. Essa fábula termina com estas palavras: "Como foi cuidado quem primeiro imaginou o homem, que fique com ele enquanto ele viver" (SeinundZeit, § 42). Todavia, Heidegger adverte: "Essa expressão nada tem a ver com 'aflição', 'tristeza', 'preocupações' da vida como se revelam onticamente em cada ser-aí. Ao contrário, é onticamente possível algo como 'despreocupação' e 'alegria', justamente porque o ser-aí, ontologicamente entendido, é cuidado (cura); como ao' ser-aí pertence de modo essencial o ser-no-mundo, seu ser em relação com o mundo é essencialmente ocupação" (Ibid., § 12).*

Cuidar de alguém *enquanto ele viver*. Em nada cuidado *tem a ver com aflição, tristeza e preocupações*, talvez como colocado por Heidegger, uma despreocupação, mas não deixa de ser ocupação. *Des-pré-ocupação*. O prefixo *dês-* traz consigo a ação contrária ou separação, logo, a palavra despreocupação tem uma significação mais literal do que a usual preocupação, uma vez que, ao mesmo tempo que nos preocupamos, por nada, nos despreocupamos. Mas de um modo ou de outro nos ocupamos de algo. Ainda que em ação despreocupada ocupamo-nos em dispensar a outrem certa ocupação, ou seja, cuidado.

Mas, ainda que em ocupação, por que há momentos que nos descuidamos de nós e dos que nos cercam?

Podemos de início pensar que esse descuidado está justamente em aventarmos a possibilidade de que detemos o tempo. O ser humano bem sabe de sua finitude, sabe que em dado momento morrerá e também todos os seres vivos. Contudo, com toda a iminência de que um dia deixará de viver, o ser humano é senhor em acreditar que domina o curso de sua vida. Pensa ser capaz de dominar tudo, inclusive o seu tempo. E na impossibilidade de enfrentamento de sua própria realidade, esse passa a buscar artifícios que dissimulam tal feito. Mascaram suas vidas de eternidade, burlando a todo o momento e desconsideram aquilo que deveria ser a priori. Ao desconsiderar o a priori, o ser humano se coloca contra aquilo que é, ou seja, *ser para a morte*.

O ser humano se coloca em oposição àquilo que ele é, pois, está sempre buscando sua permanência, sua preservação, daí cria artifícios e dissimula.

O ser humano busca o fluxo perpétuo, entretanto, veremos que para que isso seja real em seu viver, para que ele viva o fluxo perpétuo, em nenhum momento poderá dissimular sobre seu *ser aí*, que ainda que seja o ser que deseja o cá na Terra, em dado momento, o cá na Terra se encontrará com o *ser para a morte*. Diante disso, fica claro, que todo ser caminha para seu contrário. Sócrates nos falará sobre os contrários, mas antes dele Heráclito nos presenteou, para esse autor o mundo e as coisas no mundo são:

Como a uma vela, que sem cessar, queima transformando sua cera em fogo, fogo em fumaça, sua fumaça em ar. Tal como o verão/outono, novo/velho, quente/frio, todo ser caminha para o seu contrário, sendo, então, a harmonia dos contrários a realidade da transformação uns em outros.

Este mundo, o mesmo tendo os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se sem medidas e apagando-se em medidas. (HERÁCLITO, 1999, p.90)

Notemos aqui, que o ser caminha para seu contrário esse caminhar é, e sempre será, em oposição ao que ele é. Analogamente, o ser caminha para o não-ser, enquanto sua essência é contrário a esse caminhar. Sempre em vista de cuidar do cá na Terra, esse abomina a morte. Estaria, então, o ser buscando a saída do que Heráclito propôs? A de que estamos o tempo todo em busca dos contrários e voltando-se ao que propõe Parmênides, isto é, buscando permanecer sempre o mesmo?

Seria loucura pensar em permanecer sempre o mesmo, estático. Mesmo porque como seres que anseiam sempre algo mais, não se satisfaz com os limites que sua própria essência lhe propõe. Não acredita que morrerá e, por vezes, pensa driblar a morte. O ser que busca o permanecer parmenidiano jamais encontraria em si a própria essência. É natural dos seres a busca pelo mutável, pois é esse “mutar” que oferece ao ser sua verdadeira essência e por

isso está sempre em busca de sua preservação, por seu modo *essencial o ser-no-mundo, seu ser em relação com o mundo é essencialmente ocupação*. Jamais seria prostração. Talvez por esse motivo, deseja unicamente a vida, e luta. Contudo, o homem atual aproxima-se mais de Heráclito e pensa o ser e não-ser ao mesmo tempo? Ou sua realidade – ao menos ele busca – converge para Parmênides e busca o estável e idêntico?

A realidade, para Heráclito, é a harmonia dos contrários, que não cessam de se transformar uns nos outros. Já para Parmênides, [realidade] é alcançar o idêntico, o imutável. (CHAUÍ, 2011, p.137)

Ao que podemos perceber, o homem atual não pensa a dialética da vida e morte, ou simplesmente ignora esse fato. Ignorar aqui não no sentido de não conhecer, mas apenas por indiferença, talvez devido ao medo pelo desconhecido, prefira não acreditar nessa relação vida e morte. Esses que vivem não acreditando no seu fim, serão lembrados de que morrem através da morte de outros e, por fim, notemos que essa é a única possibilidade de morte para eles. Os outros morrem, apenas eles. Novamente, aquele que se afasta da dialética da vida, foi lembrado por Heraclito: oh imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte daqueles, e morrendo a vida daqueles (HERÁCLITO, 1999, p.94). Os que buscam pelo estável, estático, acabam por acreditarem que a morte só é possível para outrem e *nunca o atingirá*.

Diante disso, fica a dúvida: como pode o ser que não se conhece desejar tanto sua autopreservação; como pode negar tanto a morte a ponto de acreditar que apenas os outros morrem; como cuidar se nem ao menos sabe do que cuida?

Onde encontrar respostas para tais questionamentos? Haveria a possibilidade de em algum momento nos aconselharmos sobre o assunto? Com efeito, qualquer assunto é aconselhável, mas em que medida e com quem o devemos fazer, sobretudo, no quesito cuidado?



Lembremos, nosso intuito é o de refundar do conceito de saúde, logo, quando buscamos aconselhamento sobre o cuidado, estamos buscando o sentido desse cuidado, e nesse caso será acerca da saúde. Mas quem é que cuida? Certo é, para que haja cuidado de outrem, antes há de se ter cuidado de si. Entretanto, como acima mencionado, o maior dos problemas sobre o cuidado com a saúde, está justamente em saber quem ou o que se é. Não podemos aventar a possibilidade de cuidado, sem ao menos saber do que se cuida. E, é sabido que quando se ignora o que é, não há cuidado, por assim dizer, há apenas o esquecimento de si.

A maior prova do não cuidado de si, ou esquecimento de si, encontra-se no diálogo de Alcebíades. Contudo, nesse dialogo, Sócrates apresenta que o aconselhamento acerca da saúde, ou qualquer matéria de aconselhamento, devem provir de quem realmente conhece – 107a-c. Conhece a si e o que aconselha.

Para tanto, será preciso identificar o que é melhor, pois corremos o risco de cair nas mãos, não daqueles que atuam com justiça – e que buscam apresentar os polos opostos entre as coisas – e sim, dos que agem com injustiça – aqueles que propõem a permanência de sua ignorância. Certamente, nesse diálogo, o que ficará evidente é a ação dos injustos, e qual é a melhor saída para não nos rendermos a esses.

Ao que tudo indica, identificar o que é melhor consistirá justamente em identificar o que é justo. Nisso consiste em que para qualquer ação que se busque, a maneira de agir deverá ser indistintamente, a quem quer que se volva, a melhor possível, *consequentemente, esse melhor sobre o qual te indagava, [...] acaba se tornando única e exclusivamente o mais justo, não é?* 109 c.

Tomados pela inocência, poderíamos então dizer que o melhor é o que é justo. Contudo, o que é ser melhor; o que é justo? Ainda tomados por uma atitude socrática, poderíamos cair no risco da terapia maiêutica. Consequentemente, entraríamos naquilo que Sócrates brilhantemente

dominava, e, como tal, ele se intitulava, parteiro das verdades contidas na alma. Entretanto, o intuito aqui não é o de apresentar as verdades, e sim, o refundar de um conceito. Então, retomemos a questão do não cuidado/conhecimento de si em Alcebíades.

Alcebíades, ao que tudo indica, foi um jovem muito belo e que despertou diversos amantes. Em dado momento, Sócrates se dispõe a explicar o porquê de a postura do jovem garbo ser um tanto quanto arrogante e excessiva ante aos seus amantes.

Afirmas que, de modo algum, necessitas de alguém em nada, visto que teus atributos são tão grandiosos – tanto em corpo e terminando em tua alma – que a ti nada falta. (PLATÃO - 2011)

Antes de cair no teu habitual conjunto de indagações, Sócrates apresenta todos os atributos de Alcebíades, dando a entender que o que atraía tantos amantes para próximo do jovem, não foi tua alma, mas antes de tudo, a posição financeira e seu corpo<sup>6</sup>. O que de certa forma contrariava o pensamento de Alcebíades, pois este acreditava que atraía seus amantes também por ter uma bela alma e poder. Ao que diz Sócrates: *todavia, provarei a ti, pessoalmente, que tens em mente um conjunto completamente diferente de pensamentos*<sup>7</sup>.

O jovem acreditava ser o detentor de poderes, amplamente suficientes para governar Atenas, contudo, ao que tudo indica o único capaz de nutrir tal poder ao jovem seria Sócrates. Ora, uma vez que o intento do jovem era o de ser conselheiro, Sócrates, novamente, apresenta seus atributos e pergunta ao jovem: sendo ele um conselheiro, se algum dos atributos lhe seria importante para o aconselhamento dos cidadãos<sup>8</sup>?

---

<sup>6</sup>Alcebiades 104 b-c

<sup>7</sup>Idem 105a

<sup>8</sup>Ibdem 107 a-c

Já se justificando, a fim de apontar o erro do jovem em acreditar que seus atributos seriam suficientes, Sócrates aponta que:

...Quando os atenienses estiverem deliberando sobre a saúde, [toda riqueza e beleza, de nada adiantarão]: tudo que exigirão do conselheiro é que seja um médico. Isso porque em toda matéria o aconselhamento provém de uma pessoa que conhece, não de alguém que possui riquezas<sup>9</sup>. (PLATÃO – 2011)

Assim, o aconselhamento deve porvir de alguém que tem conhecimento sobre o que delibera. Não apenas por ser e ter atributos. Apenas delibera, aquele que possui o conhecimento das medidas exatas para tal questão. Sendo assim, não podemos deixar a construção de um navio nas mãos de um médico, que em certa medida, é conhecedor, conquanto, é conhecedor da medicina e não da proficiência de construção náutica.

Sócrates segue apontando a diferença entre o que se conhece e o que se pode aconselhar. Aquele que ensina deve conhecer, aquele que medica, deve saber o que medica, a causa e o porquê do medicar. Aquele que conhece, deve estar em concordância com os demais que também conhecem tal causa. E que, todos aqueles que se levantam para tal causa sem o saber, deverá se envergonhar. *É forçoso, porém, que saibas que tratamento nos dispensamos mutuamente [...] e como designamos ao fazê-lo.*<sup>10</sup>

Assim, ao nos dispensarmos ou designarmos fazer algo, precisaremos diferenciar a maneira de agir. Maneira, justa ou injusta. E no diferenciar se dará a *melhor* maneira, ou seja, justa. Conseqüentemente, esse melhor sobre o qual indagávamos [...] acaba se tornando única e exclusivamente o mais justo, não é?<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup>idem

<sup>10</sup>Ibidem 109b

<sup>11</sup>Idem 109c

Uma vez que para Sócrates agir da *melhor maneira* é a *ação justa*, resta nos entender o porquê das pessoas agirem de maneira errada, ou seja, de maneira injusta. Com efeito, uma dica nos fica. Se acreditar nos atributos é acreditar naquilo que se é, temos aqui o grande engano tal como o de Alcebíades. Pois, atributos podem até ajudar a compor o que se pretende ser, uma espécie de saber essencial, mas não necessariamente, é aquilo que se é, isto é, a essência. Sócrates apresenta que não é através alma que Alcebíades desperta paixões e sim por seus atributos. Então, podemos tomar como base que ele desconhece o que é. Acredita ser seus atributos e ignora o que realmente é. Ao ignorar o que se é, fatalmente não agirá da melhor maneira, por assim dizer, de maneira justa.

Para se responder o que se é, necessariamente é preciso saber o que se é. Por vezes, respondemos por deliberações sem ao menos termos noção do que se trata ou na maioria das vezes respondemos com dúvidas. Nada se torna preciso na dúvida, tão pouco o conhecimento. Pudera o conhecimento de si. Quando respondemos apenas pelos atributos, falamos pelas coisas e certamente menos de nós colocamos na resposta. Assim, ao respondermos por coisas que não nos são claras, necessariamente, é por falarmos de coisas que desconhecemos<sup>12</sup>.

Quando oscilamos ao responder, seja em qualquer assunto, por exemplo, se Eurípides era grego, ou italiano, ou germânico, fica evidente, que estamos confusos acerca de tal coisa<sup>13</sup>. Decerto, diante disso, temos apenas uma certeza, a de que ignoramos a premissa verdadeira. É possível até ter em mente o saber de que Eurípides escreveu várias peças de teatros, que viveu V

---

<sup>12</sup>Idem 117a

<sup>13</sup>Eurípides foi de Salamina/Macedônia, 480 - 406 a.C., foi um poeta trágico grego, do século V a.C., o mais jovem dos grandes expoentes da tragédia grega clássica (Ésquilo, Sófocles e Aristófanes), que ressaltou em suas obras as agitações da alma humana e em especial a feminina. Tratou dos problemas triviais da sociedade ateniense de seu tempo, com o intuito de moderar o homem em suas ações, que se encontravam descontroladas e sem parâmetros, pois o que se firmava naquela sociedade era uma mudança de valores de tradições que atingiam diretamente no modo de pensar e agir dos homens gregos.

séculos a.C. Contudo, essa informação traz apenas um saber essencial, e não necessariamente a certeza acerca de sua nacionalidade. Podemos até fazer uma variação de conhecimento, a ponto de apresentar o saber essencial com o fim de chegar a certeza, por exemplo, ao falarmos de tragédia em peças de teatro, outro nome pode nos vir a mente, Shakespeare. Entretanto, Shakespeare era inglês, sendo assim, por analogia, poderíamos dizer que Eurípedes, era do Reino Unido. Entretanto, ainda que por eliminação, cheguemos à *resposta esperada*, por assim dizer, Eurípides “*foi um poeta trágico inglês*”, esse enunciado ainda não nos dá a certeza de sua nacionalidade.

Há de se perceber, que por analogias, ou eliminações, temos sempre uma possibilidade e nunca a certeza. Contudo, ao respondermos com firmeza, com conhecimento, sem titubear, Eurípides foi de Salamina/Macedônia, 480 - 406 a.C., foi um poeta trágico grego, do século V a.C., o mais jovem dos grandes expoentes da tragédia grega clássica... Tratou dos problemas triviais da sociedade ateniense de seu tempo, com o intuito de moderar o homem em suas ações...facilmente notamos que não sobram dúvidas.

Decerto, ao responder sobre o que de fato se sabe, é responder sobre a essência e não sobre o saber essencial. Quando somos categóricos ao responder que sim ou que não, estamos longe da confusão, estamos além do “pensar que sabe”. Quando “pensamos que sabemos”, por assim dizer, que somos nossos atributos, criamos confusões em responder o que somos. Não conhecer e não pensar que conhece, não gera dúvidas. Agora pensar, achar, cogitar que conhece sem conhecer, cria-se armadilhas e as dúvidas se “presentificam”. Com efeito, a melhor forma de sanar as dúvidas, será a retomada o conhece-te a ti mesmo. Ao que tudo indica, o esquecimento ou o não cuidado de si é onde as dúvidas se fazem presentes, gerando confusões e oscilações com relação a si ou a qualquer outra questão.

Já o contrário, quando se conhece, ao menos, que não conhece, não há dúvidas, e agimos com certa destreza e habilidade. As respostas ficam claras e os discursos limpos. Quando não pensamos que sabemos e sabemos apenas

aquilo que conhecemos, as atitudes se tornam acertadas. Para Sócrates, não ficamos confusos *com o que desconhecemos quando estamos cientes de que desconhecemos* para o autor, o problema maior está em justamente nesse ignorar, pois os erros, ao que tudo indica, está em agirmos diante de tal ignorância, ou seja, *em pensar que conhecemos* quando na verdade *não conhecemos*.

Todavia, o erro, na maioria das vezes, é cometido não por aquele que sabe que não sabe, tão pouco por aquele que transfere determinada ação para outrem, mas, vejamos no dialogo o motivo de cometerem tantos erros, seja na Grécia antiga, seja nos dias de hoje:

*Sócrates: digamo-nos a agir, suponho, quando pensamos que sabemos o que estamos fazendo?*

*Alcebíades: Sim.*

*Sócrates: Quando, porém, as pessoas julgam que não sabem realizar algo, imagino que o transferem para a outras pessoas?*

*Alcebíades: Certamente.*

*Sócrates: O resultado é esse tipo de ignorantes não cometer erro na vida, pois deixam as matérias que não conhecem a cargo de outrem os que sabem<sup>14</sup>.*

*Alcebíades: Sim.*

*Sócrates: Assim, quem são os que comentem erros, já que não posso conceber que sejam os que conhecem?*

*Alcebíades: Realmente não são eles.*

---

<sup>14</sup>Grifo nosso.

Sócrates: Entretanto, como não são os que conhecem nem aqueles entre os ignorantes que estão cientes de que não conhecem, os únicos indivíduos que restam – penso eu – são os que não conhecem, mas pensam que conhecem.

*Alcebíades: Sim, são os únicos.*

*Sócrates: Podemos então concluir que essa ignorância é causadora de males, constituindo a forma repreensível de estupidez?*

*Alcebíades: Sim.*

*Sócrates: E quando essa ignorância refere-se às coisas mais importantes, revela-se maximamente danosa e desprezível?<sup>15</sup>*

*Alcebíades: Maximamente.*

Saibamos então que, em matéria do que conhecemos, não poderemos agir com dúvidas ou confusões. Contrariamente, quando pensamos que conhecemos, quando na verdade ignoramos, tanto que não conhecemos quanto achar que conhecemos, as atitudes/ações são confusas e obscuras, e nesse sentido, não se é apenas ignorante das coisas mais importantes, mas também por pensar que conhece, embora não conheça.

Trazendo um pouco para o que falamos acima, pensar que conhece quando na verdade ignora. A habilidade do cuidar se torna inapta. E de certa forma, os erros contidos nas ações, sobretudo, na área da saúde, é por inaptidão, por ignorância, por soberba. Pois, por vezes, esse que ignora determinadas ações, certamente está precipitando seu olhar à seus atributos e desconhece que não são os atributos que cuidam, e sim, o próprio conhecimento ou a certeza de que não sabe...

---

<sup>15</sup>Desprezível, sobretudo quando o assunto está relacionado ao cuidado, por assim dizer, saúde.

O fazer depende do conhecer. Para agir acertadamente, é preciso que se esteja convencido de sua sapiência, de seu conhecimento. Com efeito, contrariamente ao estar convencido, ou seja em dúvida, ocasionará apenas uma situação. O erro.

Sócrates diz que: *podemos estar seguros de que alguém conhece algo quando essa pessoa é capaz de apontar um indivíduo para o qual aponta esse saber*<sup>16</sup>. Aristóteles, um dos sucessores, ainda que em partes das ideias socráticas, disse que *conhecer consiste na busca pela verdade*. Agir é próprio da natureza do ser humano. Agir erroneamente é empiria do erro, ou seja, aqueles que erram, erram por empiria da ignorância. É nesse ponto que há evidente, clara e distinta oposição entre os que conhecem, os que sabem que não conhecem e os que *pensam* que conhecem. Conhecer e agir é a experiência do saber. Pensar que conhece e julgar-se conhecedor daquilo que ignora são demência e causador de dolo. Conhecer tal como nos apresentaram Sócrates e Aristóteles é agir com arte e sabedoria. Aristóteles diz:

“Todavia, consideramos que o saber e o entender sejam mais próprios da arte do que da experiência, e julgamos os que possuem a arte mais sábios do que os que só possuem a experiência, na medida em que estamos convencidos de que a sapiência, em cada um dos homens, corresponda à sua capacidade de conhecer. E isso porque os primeiros conhecem a causa, enquanto os outros não a conhecem.... (ARISTOTELES, 2002)”

Atributos físicos ou materiais não nos dão conhecimento sobre o que somos. Apenas encontraremos verdadeiro conhecimento ao voltarmos-nos ao conhecimento daquilo que realmente somos, ao conhecimento daquilo que é capaz de nos prostrar sem ao menos nos colocar de joelhos em terra. Antes de propor-nos a pensar, conhecer aquilo que nos põe em dúvidas, ou seja, a dor, emoção e sofrimento alheio, é preciso antes, dominar nossas emoções e porque não dizer, conhecer a alma.

---

<sup>16</sup>Alcebíades 118d



Para Sócrates, nosso maior inimigo é a ignorância, sobretudo, a ignorância de si. Desafiar, driblar e vencer nossos vícios é o mesmo que autodomínio, ou seja, virtude. E, é contra a soberba dos nossos atributos que devemos guerrear: *Pois, são esses nossos competidores, com quem devemos lutar [...] E não haverá nada que nos proporcione ascendência sobre eles a não ser o empenho [conhecimento] e arte*<sup>17</sup>[sabedoria]<sup>18</sup>. PLATÃO - 2011

Ao que parece, ocupamo-nos das coisas erradas. Pois, quando pensa que se conhece a si próprio, na verdade estamos falando de um falso conhecer, ou como acima falamos, estamos em uso da empiria da ignorância. E ao nos ocuparmos daquilo que nem de longe se é – atributo, o erro – por vezes, poderá ser fatal. *Pois pode talvez, estar acontecendo, de não estarmos, sem perceber, nos ocupando de nós mesmos, embora pensemos que estejamos.*<sup>19</sup>

Temos aqui, novamente, o convite a descobrirmos quem se é, ora, senão somos os nossos atributos, algo havemos de ser. Vejamos no diálogo, o melhor caminho para a identificação de si mesmo, ou ao menos, a saída da ignorância.

Parafraseando Sócrates vem a questão: *quando nos ocupamos de nossos atributos, necessariamente, nos ocupamos de nós mesmo*<sup>20</sup>?

Ao que tudo indica, não. Assim como quando uma pessoa se ocupa de seus pés, não está se ocupando de si. Tal como, se pudéssemos designar o uso de anéis como não sendo para as mãos. E, igualmente, as vestimentas ao corpo. Tudo quanto se ocupa, tem a ocupação necessariamente ao que se é.

---

<sup>17</sup>Idem 124b

<sup>18</sup>Grifo nosso

<sup>19</sup>Alcebíades 128a

<sup>20</sup>Idem

Quando nos ocupamos ao que se é, fazemo-lo para torná-lo melhor. Quando nos ocupamos ao conforto dos pés, recorremos ao melhor sapato e sapateiro. Quando nos ocupamos ao cuidado do corpo, recorremos à ginástica. Quando nos ocupamos em boa vestimenta, recorremos à melhor tecelagem. Cada ocupação destina-se ao intuito de tornar algo sempre melhor. Contudo, notamos que, ocupamo-nos sempre as partes e nunca ao todo. Ocupar-nos ao cuidado das partes para torná-la cada vez melhor ou confortável é ocupar-nos do corpo, dos atributos.

*Sócrates: Entretanto, se pela ginástica nos ocupamos do corpo, pela tecelagem e por outras artes, ocupamo-nos do que pertence ao corpo?*

[...]

*Sócrates: Então, empregamos artes distinta para nos ocuparmos da própria coisa e daquilo que pertence a ela.*

[...]

*Sócrates: a conclusão é que, quando te ocupas de teus pertences não está te ocupando de ti mesmo.*

[...]

*Sócrates: Ora, que espécie de arte podemos usar para nos ocupar de nós mesmos?<sup>21</sup>*

Como sabermos que tipo de arte ocupa-se de nós mesmos, se nem ao menos sabemos o que somos.

Como poderíamos cogitar qual seria a arte de tornar um sapato melhor, se ignorássemos o que é um pé. Como poderíamos pensar na melhor arte de ourivesaria, se ignorássemos o que é anel, sobretudo, onde usar esse anel.

---

<sup>21</sup>Ibdem 128 d

Assim: *como poderíamos saber qual a arte que nos torna melhores se ignoramos o que somos?*<sup>22</sup>

Parece-nos evidente, mesmo porque estamos às voltas com esta questão há um tempo, mas, ao que tudo indica, por mais que estejamos certos em afirmar que nos conhecemos, na verdade ignoramos o que de fato somos. Assim, poderemos verificar que responder acerca de nossos atributos, ou seja, as partes do que somos, não titubearmos. Mas nós mesmos, a parte principal, quase nunca se é capaz de responder. É certo, que por vezes falamos do todo desconsiderando as partes, sobretudo, com relação ao cuidado. Entretanto, será cada vez mais difícil se saber o que se é, enquanto não for claro para os seres humanos que, no lugar de ocuparem-se consigo mesmos, esses se ocupa apenas com as artes daquilo que os servem. Agora, a partir do momento que:

*Tivermos tal conhecimento, estaremos capacitados a saber como nos ocupar de nós mesmos, mas se não dispusermos desse conhecimento, jamais estaremos capacitados para tal coisa. [...] Dize-me: como chegarmos a conhecer o eu ele em si mesmo? Este será o meio de descobrirmos o que nós mesmos somos: é fato que se continuarmos na ignorância disso, estaremos certamente fadados ao fracasso.*<sup>23</sup> (PLATÃO – 2011)

Ao fracasso, ao erro, consigo próprio e com outrem. Supõe-se que faz e faz bem – conforme vimos – aquele que conhece e é capaz de ensinar, e porque não dizer, ocupar-se de algo. Cuidar. Contudo, se ignora, ou se pensa que sabe, quando na verdade não saber o resultado é, sem dúvidas, o fracasso.

A saber, aquele que cuida, ou usa seu conhecimento para cuidar, é diferente daquele que é cuidado. *Tal como o usuário é distinto daquilo que ele*

---

<sup>22</sup>Idem

<sup>23</sup>Ibidem 129 a-b

usa. Notamos que o ser humano usa o corpo.<sup>24</sup> Com efeito, uma vez que o usuário é distinto daquilo de que se usa, concluímos que o ser humano é diferente de seu próprio corpo. E, uma vez que o ser humano é usuário do corpo, tomamos como resposta que, enquanto usuário do corpo, o ser humano é a própria alma.

Diante disso, Sócrates afirma que o ser humano, ou a alma, governa o corpo e, *necessariamente uma das três coisas o ser humano é: alma, ou corpo ou ambos unidos como um todo.*<sup>25</sup> Entretanto, se o usuário é diferente do usado e se o corpo não governa a si próprio, senão é governado por algo superior a si, resta nos identificar o que o ser humano é. Talvez, tal como Sócrates pergunta: *será a combinação dos dois, a alma governando o corpo que teremos a unidade do ser humano?*

Para Sócrates:

*isso seria improvável, pois se um deles participa do governo, é inconcebível que a combinação de ambos possa governar [...] Bem, uma vez que nem o corpo nem a combinação do corpo e da alma é o ser humano, suponho que ficamos reduzidos ao seguinte: ou o ser humano é nada ou, se é algo, nada mais é senão a alma.*<sup>26</sup> (PLATÃO – 2011)

Em posse desta afirmação de Sócrates, a de que o ser humano *nada mais é senão a alma*, retomemos o que o oráculo de Delfos nos propõe: conhece-te a ti mesmo.

Se o *ti mesmo* é a alma, como conhecer a alma? Não seria mais fácil conhecer o que se é através do corpo?

---

<sup>24</sup>Idem 129 d

<sup>25</sup>Ibdem 130 b

<sup>26</sup>Idem

A alma, ao que tudo indica, se utiliza necessariamente do corpo. Certo, esse oferece à alma as paixões, contudo, também é o instrumento de suas manifestações,

*[...] uma alma usa palavras para dirigir-se a uma outra alma. [...] Sócrates, ao usar palavras para falar com Alcebiades, não diz aparentemente palavras à tua face, mas dirige palavras a Alcebiades, ou seja, à tua alma. Assim, a injunção de que devemos conhecer a nós mesmos significa que devemos conhecer nossas almas<sup>27</sup>. (PLATÃO – 2011)*

Sendo assim, se pensamos que conhecemos sem ao menos sabermos o que somos, podemos afirmar que, o que conhecemos é apenas os atributos ou vícios do corpo. Consequente, diante de tal pensar, jamais poderemos afirmar que conhecemos a nós mesmos, decerto, conhecemos apenas o que pertence ao corpo e não a si próprio.

Consequentemente, se não tivermos a clareza do que somos, em nada poderemos nos empenhar, seja qual for a atividade, pois seremos apenas o atributo do que dizemos, sem jamais chegarmos próximo do que realmente somos. *Nenhum médico, enquanto médico [atributo], conhece a si mesmo, e tampouco se conhece qualquer<sup>28</sup> [profissional da saúde, enquanto profissional da saúde]<sup>29</sup>. (PLATÃO – 2011)*

Evidente que, o conhece-te a ti mesmo é, sem dúvidas, o conhecimento daquilo que de fato se é, e não seus atributos. Mas a mensagem vai além do conhece-te a ti mesmo, pois nos convida a:

1°. Entender que o corpo traz vícios e paixões e isso corrompe uma alma, ou um ser, que nada sabe sobre si e,

---

<sup>27</sup>Ibdem 130 d-e

<sup>28</sup>Idem 131 a

<sup>29</sup> Grifo nosso. O texto original apresenta: e tampouco se conhece qualquer treinador, enquanto treinador.

2°. Apenas saberemos o que nos corrompe, se de fato soubermos o que somos, ou seja, a alma.

Quando Sócrates traz à tona a mensagem de Delfos para Alcebíades, ele está retomando o que outrora falou acerca daqueles que se diziam amantes do jovem rapaz. Todos eles estavam interessados nos atributos do jovem e não no próprio Alcebíades.

Assim, pensando no refundar do conceito de saúde, paralelamente, tomemos como base que, se o que cuida usa apenas de seus atributos e não do que realmente é, o que diz cuidar pode até *tratar* dos males do corpo, mas jamais entenderá o que é cuidar, quando muito o que é saúde. Estará se dispondo apenas a *res extensa*, a coisa física, ou à parte, à parte exterior. Com efeito, o que cuida, buscando sanar um problema corporal, cuida unicamente do que pertence ao corpo. Assim, a esse não podemos dizer que é conhecedor de si próprio, pois, conhece tão somente o que é atribuído aos seus atributos, ou seja, suas técnicas.

Aquele que age visando seus atributos, ou porque não dizer, suas técnicas, não conhece a si próprio e jamais entenderá que o *homem é o fim último de todas as coisas*<sup>30</sup>, pois a única coisa que é capaz de reconhecer são seus atributos. Os tecnicistas tiram o homem de seu fim último e o focaliza como meio, e o pior, como meio de suas técnicas. Dessa forma perdem o autocontrole e o controle do outro, e tal como vimos, o *fracasso* é evidente pois,

[...] suas artes dizem respeito a coisas que estão ainda mais distantes daquilo que lhes pertence [si próprio]. Conhecem unicamente o que pertence ao corpo e como deste cuidar. [...] Se ter autocontrole é conhecer a si mesmo, então suas artes não tornam nenhuma pessoa dotada de autocontrole. [...] e essa é a razão dessas artes serem

---

<sup>30</sup> Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_o\\_fim\\_de\\_todas\\_as\\_coisas.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_fim_de_todas_as_coisas.pdf)> acesso em 28/01/2014

consideradas vis e inadequadas...<sup>31</sup> (PLATÃO – 2011)

Já aqueles que se conhecem, são capazes de diferenciar o si mesmo dos atributos, as virtudes dos vícios. Entenderá seu valor, entenderá sua finalidade. Saberá o que deve e como deve cuidar daquilo que é, e não apenas daquilo que lhe pertence, por assim dizer, cuidará antes da alma. Enquanto que, os que quiçá, sabem o que são, cuidarão apenas do que lhe pertence, isto é, do corpo.

Porquanto, aquele que se dedica ao corpo, se dedica aos atributos, e nem de longe conhecem a si mesmos. Tais como os que eram apaixonados pelo corpo de Alcebíades. Por esse motivo, Sócrates diz que: Alcebíades só seria amado verdadeiramente, se aqueles que se declaravam apaixonados por ele, continuassem ao seu lado, mesmo que seu corpo perdesse o viço. Haja vista, aqueles que se dedicavam apenas aos seus atributos certamente o abandonariam ao menor sinal de perda, seja de seu poder, seja do viço de seu corpo, *ao passo que aquele que ama tua alma não te abandonará enquanto ela promover o melhor*<sup>32</sup>.

Enquanto esquecimento de si e do que se é, o outro despertará apenas desejos, paixões e vícios, quando muito, serão o meio de técnicas e instrumentalizações. Entretanto, o que conhece a si mesmo, saberá que, ainda que em definhamento, o corpo que está na eminência de morte está a serviço de uma alma, ou seja, de um ser humano. Todavia, disponibilizará todo o cuidado e estará presente mesmo quando todos já tiverem ido embora.

Eu sou aquele que não te abandona, mas que permanecerá contigo quando o viço do teu corpo não mais existir e todos os outros tiverem ido embora<sup>33</sup>. (PLATÃO – 2011)

---

<sup>31</sup>Alcebíades 131 a-b

<sup>32</sup>Idem 131 c-d

<sup>33</sup>Ibdem 131 d

Por ora, o que nos interessa a dizer é que, aquele que está no esquecimento de si, valorizando apenas as qualidades de seu corpo e suas técnicas, é aquele que certamente poderá tratar dos males do corpo. Contudo, os males do corpo causam imensos estragos naquela que conduz o corpo, por assim dizer, a alma. Sendo assim, ignorando o que se é, isto é, a alma, estarão o próprio ser a ser cuidado quanto o *cuidador* fadados ao fracasso.

## 2 O cuidado enquanto ética socrática: o ninar<sup>34</sup> da Bioética.

Que é o homem? A resposta socrática é inequívoca: *o homem é a sua alma*, uma vez que é a alma que o distingue de todas as outras coisas.<sup>35</sup>

Terminamos o capítulo anterior afirmando que o cuidador que se dispõe apenas ao cuidado das partes ignorando o todo, certamente encontrará o fracasso. Ficando assim, em nosso entendimento que para Platão, o cuidado não existe quando há esquecimento de si, pois, sequer poderemos saber o que cuidar se, na verdade ignoramos o que somos.

Uma vez em posse do conhecimento do que somos, veremos que aquele que cuida<sup>36</sup>, jamais pensará em seus atributos no que se refere à saúde de outrem, mas, diante de seu conhecimento, proporá o melhor àqueles que a si são submetidos.

---

<sup>34</sup>Por que ninar? Simples, é sabido, e estudado, que grandes pensadores gregos, nos davam indícios de que poderíamos falar de um *Bios* e de um *éthicos*, nos dando a entender que já na Grécia clássica a bioética começava a ser embalada tal como o ninar de um bebê que está se conectando ao mundo. Esse chora, clama e reclama por algo, e seus tutores ainda estão as voltas para entender o que esse clamor significa. Por isso, ninam o bebê até poder de fato entender o que esses signos querem de fato dizer.

<sup>35</sup>REALE, Giovanni. História da Filosofia Grega e Romana: Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores. Vol II; Trad Marcelo Perine; Loyola; 2009.

<sup>36</sup>Cuidado aqui será mais adiante comparado ao Governador do Estado da *Politéia*, mas será analogamente usado para comparar o governo com a medicina.



De uma forma muito ampla, tanto o esquecimento de si, quanto o cuidado de si, serão apresentados por Platão majestosamente. Se por um lado o diálogo de Alcebíades nos apresenta o não cuidado de si, ou o esquecimento do que se é, contemplando apenas o cuidado com as partes e descartando a possibilidade do todo veremos que na Apologia de Sócrates, o cuidado de si fica claro. E uma vez em posse desse conhecimento, é passível ao conhecedor tão ou igualmente o cuidado de si e de outrem.

É nesse movimento de conhecer-se a si mesmo e saber usar tal conhecimento, dispersando-se dos atributos e seguindo a via segura da *epistème*<sup>37</sup>, que a ética socrática, analogamente falando, nos trará os moldes ou indícios do cuidado de outrem, contudo, para que haja o cuidado de outrem, primeiramente deverá ter o cuidado da alma e, posteriormente, o cuidado do corpo.

Notamos que, quando Sócrates falava seja da alma, seja do corpo, que ele apresentava sempre o conceito de unidade das partes. No livro A República de Platão, ele usa este conceito traçando um paralelo para falar da unidade da polis. De certa forma, podemos, por ora, dizer que, quando se busca a harmonia ou a justiça, estamos sempre em busca daquilo que dá o ponto de equilíbrio, tanto alma e corpo, quanto a polis.

Assim, ousaremos comparar a área da saúde com o Estado proposto por Platão em A República, sendo o médico, aquele que detém o poder do Estado, os auxiliares e agentes da saúde, os guardiões, os familiares e os artesãos. Já o que necessita de cuidado, será a criança sob a tutela do Estado.

Ao ousarmos nesses termos entre Estado/médico, guardiões/agentes da saúde, família/artesãos e enfermo/crianças, estaremos a um passo de entender o porquê a *politeia* – utópica cidade ideal – harmoniza-se com a terapêutica da alma e nos indicará que já na antiguidade o pensamento de

---

<sup>37</sup>Episteme: ciência, conhecimento

Potter (1911-2001) era válido, pois para esse autor, a *Bioética é uma espécie de ação reguladora ou conciliadora entre as partes*. Se atentarmos para a idealização platônica de *politeia*, veremos que, quando houvesse unidade entre as partes, ou seja, quando o Estado conciliasse todas as partes envolvidas, encontraríamos então a justiça. Tal paralelismo nos dá a entender que tanto a *politeia*, quanto a Bioética tem como tema central a justiça.

Será nesse momento, que encontraremos o ponto fundamental, seja na ética socrática apresentada por Platão, seja na Bioética com seus renomados idealizadores. De modo que, quando pensamos em justiça, tal pensamento converge no fim último do homem, que é a felicidade<sup>38</sup>. E, ainda que Platão tenha reconhecido a *politeia*, como cidade utópica devido a diversidade de sua época, tal fato não poderá ser desconsiderado nos dias de hoje. É justamente nesse ponto, que teremos fortes motivos para recorrer a Bioética, pois será em meio à diversidade que a ação bioética se apresentará eficaz.

Diante desse ponto de vista, se por um lado, o valor utópico da *politeia*, consistiu em apresentar justiça de um modo igualitário, a Bioética por sua vez, buscará apresentar à justiça de um modo *equitativo*. Sobretudo, devido ao fato de que em meio a diversidade não podemos falar em igualdade. É preciso perceber que, onde há diferenças a igualdade nunca poderá ser o ponto de partida, tão pouco o de chegada, dessa forma, a igualdade deverá ser equalizada, sugerindo assim, a equidade, em que pensaremos o diferente como diferente, a fim de oferecermos a todos a igualdade, a justiça, o equilíbrio. Tomemos então, que se por um lado Platão, com relação a *apoliteia*, reconheceu-a como utópica, devido a igualdade de sua época, podemos por outro, observar que na verdade, o que se idealizou foi a equidade, contudo, o valor utópico de sua idealização, apenas abriu o caminho para a equidade, permanecendo ainda na igualdade. Sendo assim, se houve o reconhecimento da utópica *politeia* ao se pensar a igualdade, notavelmente veremos que o

---

<sup>38</sup>Que também terá sua releitura em Kant com os termos de bem estar, conservação e felicidade.

ponto chave nas ações bioética e, possivelmente o acerto e o caminho da justiça, está em contemplar<sup>39</sup>a equidade.

Sócrates propôs o conhece-te a ti mesmo, a Bioética quando busca a equidade, propõe o cuidado com outrem. E, será nesse momento, o de descoberta do cuidado de si e no cuidado para com outrem, no reconhecimento de que não devemos pensar a igualdade e sim a equidade, que proporemos o conluio entre a ética socrática e a Bioética. E nesse casamento, poderemos começar a aventar a possibilidade de ações acertadas na área da saúde. Pois, se para Sócrates, quando nos conhecemos a nós mesmo, temos o início de toda a ética, facilmente, poderemos cuidar tanto de nossa saúde, quanto a saúde de outrem, visando assim, a justiça, ou seja, equilíbrio entre as partes, e para propor esse equilíbrio, a Bioética é mestra.

## **2.1 Ética socrática o cuidado de si e o cuidado de outrem**

"... para o homem nenhum bem supera o discorrer cada dia sobre a virtude e outros temas de que me ouvistes praticar quando examinava a mim mesmo e a outros, e que uma vida sem exame não é digna de um ser humano...". (PLATÃO, Apologia, 38 a)

O cuidado de si ou o conhecer-se a si mesmo é todo o contexto ético que Sócrates apresenta para seus concidadãos. Veremos que, em um momento do qual se clamavam pelo cuidado da polis, emerge em meio ao povo um cidadão, incitando-os ao conhece-te a ti mesmo. Se pensarmos nas escrituras do Delfos e tentarmos entender o que Sócrates propôs, veremos que muito contrariamente ao que se prega – a de que o pensador estaria indo contra os preceitos de sua tão querida Atenas – ele estava mais do que nunca com o olhar voltado para o cumprimento do que se pede na vida política ateniense. O cuidado de si de forma alguma, iria contra o cuidado da cidade, por assim dizer, o cuidado da cidade só existiria se houvesse bons cidadãos, e nisso facilmente podemos voltar ao que Delfos e Sócrates sugeriram aos

---

<sup>39</sup>Contemplar no mais puro sentido da palavra para os gregos: ver a verdade.

atenienses. Sócrates sempre cumpriu o que sua pátria exigia, a ponto de proclamar como seu dever o sacrifício de sua própria vida em obediência às leis da cidade.

Assim, o saber ético, e porque não dizer, o conhecimento de si, gerará para a cidade bons cidadãos e esse compõe a polis cuidando não apenas de si, mas, sobretudo, do outro. E novamente nos vem à luz, que uma vez que não se tem o conhecimento de si, a pessoa que se apresenta como “conhecedor” de algo, não apenas ignora esse algo, como também o que é ou o que a si atribui. Destarte, facilmente entenderemos a proposta socrática de que *todo mal advém da ignorância que leva as pessoas a inventarem sentidos dos valores*. Decerto, estaremos longe da virtude, pois o que atribuímos às coisas é a expressão da multiplicidade imaginária, ideológica e não o ser da virtude, o que se apresentação apenas os sentidos de valores que atribuímos às coisas, tal como vimos em Alcebiades. Contudo, qual é de fato a proposta do cuidado de si?

Para Sócrates, o cuidado só existe, se o indivíduo estiver bem consigo mesmo e enquanto ele estiver em busca do verdadeiro conhecimento de si, e a isso, ele se põe a examinar a si mesmo<sup>40</sup>.

(...) conforme recomenda a inscrição délfica, conhecer-me a mim mesmo; por isso vejo quanto ridículo seria eu, que não tenho conhecimento de mim mesmo, se me dedicasse a estudar coisas que me são estranhas.(...) não vês que o meu desejo é aprender e que, sendo assim, o campo e as árvores nada me podem ensinar, ao contrário dos homens da Cidade? (PLATÃO – Fedro 229e – 230a)

Ainda que pareça contraditório, o “eu” já estava em jogo na Grécia. Ao convidar o povo ateniense ao conhece-te a ti mesmo, Sócrates inaugura a ética e inseparável dela a política; para ele, *não se faz justiça sozinho*<sup>41</sup>.E, o cuidado

---

<sup>40</sup>Fedro 230a

<sup>41</sup>HADOT, Pierre. O que é filosofia antiga? p.67

de si, de forma alguma se opõe ao cuidado da polis (outro). Sendo assim, poderemos então notar seu compromisso com Atenas, quando ele aceita o veredicto de sua morte Sócrates proclama sacrificar sua vida em obediência ao conjunto, às leis e ao outro; para ele, a *razão de viver é ocupar-se com os outros*.

Já que estamos nos utilizando dos diálogos de Platão para o refundar do conceito de saúde, notaremos que certamente esse é um dos pontos culminantes para o entendimento de tal, pois, se toda a ética socrática está voltada para o bem do todo, conseqüentemente, veremos que tal é a razão pela qual existe a medicina, a de ocupar-se com os outros. Assim, a releitura das obras platônicas nos dará forte suporte para tratarmos do assunto da saúde enquanto ética do cuidado.

Quando falamos em ética do cuidado ou terapia da alma, poderá até parecer que estamos tratando de um assunto voltado para área da psicologia, contudo, há de se saber que o primórdio da psicologia tem suas estruturas fundamentadas na filosofia. Nosso intuito não é o de descer o conceito de saúde ao divã, mas, certamente, o de reconhecer que seja qual for o objeto do cuidado, por assim dizer, o tipo da enfermidade, muito antes de sanar a doença, será preciso identificar e cuidar daquele que “carrega” o mal, seja corporal, seja mental. Conseqüentemente, quando Sócrates buscava, através da maiêutica, apresentar soluções aos problemas propostos, ele sempre trabalhava com bases na terapia da alma e tal movimento de apresentar soluções ao problema da alma, visava um fim específico, a virtude. Contudo, na busca da virtude a justiça entra em jogo, e no livro A República, essa busca será apresentada de forma piramidal, contemplando os conceitos de sabedoria, coragem, temperança e justiça.

Forçosamente notamos que esses conceitos também são usuais nas ações bioéticas e são tidos como princípios. Já é sabido que a bioética busca sobremaneira o princípio de justiça. Assim, talvez, em uma pequena revelação poderemos enunciar, a grosso modo, que a sabedoria, coragem e temperança estariam implícitas na busca da justiça.

E no intuito de alcançar o que é justo, ou propor a justiça, tão certo poderemos afirmar que a Bioética busca o entrelace entre as partes. Dessa forma, temos em mente que a Bioética, enquanto justiça, jamais poderá ser comparada a habilidades de fazer, julgar ou apontar, mas, sobretudo, será aquela, em disposição em escolher fins específicos. Uma vez que temos os conceitos da base piramidal da *politeia* envoltos nas ações bioéticas, cabe-nos apresentar de que maneira esses conceitos/princípios abarcam o agir bioético. Se tomarmos os conceitos sabedoria, como conhecer para saber como lidar; coragem, como enfrentar, ímpeto; temperança, qual a melhor forma de ação; e, justiça, como a responsabilidade na ação. Teremos que admitir que ao tomar uma decisão bioética, estiveram presentes escrúpulos e justiça, do contrário, sequer poderíamos falar, seja do saber ético, ou de Bioética. A bioética se comparada à justiça, será aquela que proporá não somente a ação de determinados atos, mas sim, a presença dos motivos levados por trás de suas ações com o desejo de ver fortalecer a justiça entre as partes. Se a Bioética é a disposição do escolher específico, as palavras de Luke Purshouse – 2010a que se refere justiça no trato do livro a República, vem a calhar pois, segundo ele nessa disposição – por assim dizer – *é necessário que o agente saiba o que é apropriado e como proporcioná-lo*

Sabendo que a bioética busca a justiça e que essa não é habilidade, mas que sempre apresenta o apropriado, novamente em analogia, aos escritos platônicos socráticos, tomaremos que a Bioética é a saída da caverna (Republica livro VII). Da qual veio suplantando as éticas baseadas na opinião<sup>42</sup>, essas que acabam por criar embates, e nesses conflitos, os que saem perdendo são aqueles que continuam voltados, acorrentados, fronteando o fundo da caverna. Por esse motivo, o agir bioético, em consonância com a agir ético socrático, traz à tona, o conhecimento de si, uma vez que, uma ação só

---

<sup>42</sup>Opinião tal como a lida no Poema sobre a Natureza de Parmênides, a qual é apresentada como *doxa* em par com a *episteme*, *ciência* ou conhecimento. É sabido, a *doxa*, apresenta a opinião e essa pode ser plausível ou tão somente uma falácia, contudo, transita no senso comum, há de passar por uma minuciosa análise. Porém, por se tratar de senso comum, por vezes é tida como verdade, sem mesmo ser verificado sua veracidade. PARMENIDES – Da Natureza.

será verdadeira, se contemplar de forma equiparada as partes envolvidas, sem que uma delas seja exposta ao prejuízo, isto é, ao esquecimento. Quando a bioética busca o apropriado, ela visa justamente apresentar a diferença entre o que é certo e o que outrora fora apresentado como certo, ou seja, o que foi apresentado como meras sombras da realidade o papel da Bioética é tal como o escravo que deixa a caverna e volta apresentando aos demais a ilusão que foram acometidos durante anos pelas sombras.

Mas o agir bioético só será apropriado, se o agente conciliador estiver em posse do conhecimento de si próprio, pois, só pode propor algo acertado aquele que se conhece. Para entender essa ação, voltaremos a Sócrates: em *Apologia*, ele convida a *cada um ser melhor consigo mesmo*, apontando que só haveria acordo entre o todo se a parte estivesse bem, e a parte da polis é a alma de seus cidadãos. Para ele só se compreende a ética se misturando aos homens e as coisas do cotidiano o cuidado de si e do outro com o fim de alcançar a felicidade. A qual é contemplada a partir do agente apropriado que soube como proporcionar o que é justo. Temos assim, que a doutrina socrática é antes de tudo cuidar de si, para então pensar no outro. Para ele, apenas cuida bem, aquele que sabe o que é apropriado e sabe como proporcionar algo. Diante de tais constatações, veremos que para cuidar da saúde de outrem, deveremos antes prezar por nossa própria integridade, do contrário, dificilmente conseguiremos fazer algo por alguém. *Estar certo de si, não te causa pejas, muito pelo contrário, estar certo de si é honrar-se a si mesmo*, e nisso, o saber consciente é só mais um detalhe que vem honrar aligã que une o todo à parte, o individual ao universal. Veremos então que nos momentos finais do julgamento, Sócrates apresenta que, por vezes, correu perigo para estar ao lado da lei, e que a sentença da qual é sujeito, é um bem para ele e para a cidade, ou seja, o individual, parte, em favor do universal, todo<sup>43</sup>. Contudo, se por um lado o agir bioético visa à conciliação entre as partes, faz-

---

<sup>43</sup>Apologia 27a-c, 28 a-d, 32 a-c, 35c-d

nos notar, que esse agir busca o bem do todo. Por isso, parece-nos tão acertado comparar o agir ético socrático com o agir bioético.

Talvez, por esse motivo, foi tão penoso a Alcebíades reconhecer que poucos lhe estimavam enquanto Alcebíades, mas que muitos admiravam o viço de sua beleza e os bens que ele tinha. Cuidar de si é, sobremaneira, cuidar do outro, contudo, cuidar do que a si se atribui, é esquecer o que se é, e assim desconsiderar o outro.

Eu que, negligenciando o de que cuida toda gente – riquezas, negócios, postos militares, tribunas e funções públicas, conchavos e lutas que ocorrem na política, coisa em que me considero de fato por demais pundonoroso para me imiscuir sem me perder [...] Eu que me entreguei à procura de cada um de vós em particular, a fim de proporcionar-lhes o que declaro o maior dos benefícios, tentando persuadir cada um de vós a cuidar menos do que é seu que de si próprio para vir a ser quanto melhor e mais sensato. [...]colocar-se à disposição tanto do pobre quanto do rico, sem distinção e pelo reconhecimento de que é um homem encarregado pelo deus a ocupar-se dos assuntos da cidade, convidando cada um a tomar-se melhor. (PLATÃO - 30e, 32b)

Há de se cogitar então, que o saber ético socrático e o agir bioético poderão, então, seguir pela via segura da alteridade. Ao afirmarmos o conhece-te a si mesmo – princípio da ética socrática – e o saber proporcionar algo – ação da Bioética – será o mesmo que dizer que essas ações determinam melhor o que a justiça é. Ou seja, cuidar não apenas de si, e sim, cuidar do outro. Logo, estas ações nos mostram que já na antiga Grécia, ainda que em termos prematuros, havemos de concordar, que a alteridade já estava presente no trato. Quando falamos em alteridade nos dias atuais, podemos verificar que o cuidar de outrem, será todo o despojamento do que a si se atribui e ante sua nudez conceitual, o trato para com outrem será verdadeiro. Decerto, ao falarmos de alteridade, estamos nos despindo de todos os atributos e nos abrindo para receber ao que outrem nos convoca: À responsabilidade.



Por isso, conhecer aquilo de que se fala, não é conhecer os atributos, pois aquilo que se conhece é a essência. Já, o atributo é aquilo que define o que se fala, ou, o que se conhece. O atributo é o enunciado, a proposição, a possibilidade, a opinião. Por esse motivo, ao falarmos de saúde, não podemos colocá-la no rol dos atributos. Conseqüentemente, a saúde deve ser pronunciada enquanto perspectiva harmoniosa, ou seja, aquilo que une a parte ao todo. Enunciar saúde é falar da essência, do que se é. Por isso, se o homem é corpo? Alma? Ou os dois unidos? Ele só o é por completo, se sua saúde estiver em perfeita harmonia. O corpo com a alma. E nisso, podemos sem melindras, afirmar que o atributo poderá até exprimir o *signo*<sup>44</sup> da essência, mas jamais, contrariamente ao que concebia Alcebíades, os atributos, será o *logos* da essência.

Facilmente notamos que, a estratégia do cuidado de si e do outro, enquanto ética socrática, será a base fundamental para as ações da Bioética. Se a Bioética visa à harmonia entre as partes, ela busca a relação saudável entre essas. Nisso, notamos que, enquanto base para a Bioética, a ética socrática presenteia o reajuste, chamando-nos ao cuidado de si e do outro. Em paralelo, podemos verificar que para Sócrates o coletivo só possui equilíbrio na medida em que os indivíduos são partes que visam o melhor para o todo. Assim, o outro será a justa medida para que a república se torne *politeia*. Além disso, estando cada um no seu lugar, seja no cuidado, no despojamento, na responsabilidade..., não teremos a injustiça. Nesse sentido, se no diálogo de Alcebíades temos o exemplo da cidade mal cuidada, no dialogo Apologia, teremos seu oposto. Se enquanto esquecimento do que se é, a *polis*, fatalmente, fracassará, causando assim a injustiça aos seus cidadãos, caso contrário, o reconhecimento e entendimento do que se é, irá favorecer, não apenas a si próprio, mas, sobretudo, o outro, possibilitando dessa forma, a unidade entre as partes, por assim dizer, a justiça.

---

<sup>44</sup>Signo no sentido de significado. Aquilo ao qual nos referimos às coisas. Não necessariamente o que a coisa é.

Contudo, o corpo se relaciona com a alma, assim como cada indivíduo se relaciona com outrem, da mesma forma, é sabido que, havendo desequilíbrio, o corpo pode adoecer, assim como a república está sujeita a problemas, por isso, surge à necessidade de um Estado com o fim de cuidar e organizar as partes. Para a *politeia*, um governante; e para a saúde, o médico?

## **2.2 Por que comparar a saúde com a *politeia*?**

Talvez nos pareça óbvio essa comparação. Ao que tudo indica os dois moldes, isto é, saúde e cidade ideal, foram idealizados. Os dois moldes de início tiveram um projeto visando superar algo. Porém, quando visionado lado a lado com a realidade, é possível notar seus insucessos. Então, havemos de nos perguntar que, tal como a *politeia*, a saúde para além da idealização não existe?

Para aventarmos uma resposta, será necessário entender o que é saúde no sentido literal. Saúde, nada mais, nada menos que um conceito? E esse conceito, carregaria consigo outros conceitos? Se assim o for, forçosamente, poderemos pensar *que nos dias atuais*, a saúde poderá ser colocada no rol dos atributos. Aqui nos parece contrariamos o que a pouco dissemos que não, que saúde não é atributo e sim essência, contudo, estamos falando de saúde nos dias atuais. E sim, nos dias atuais a saúde, infelizmente, se tornou um atributo. No lugar de apresentarmos o que é saúde, estaremos apresentando o que são seus predicados? Adianto-me em responder, se falarmos em dias atuais, sim. Entretanto, saúde é, ao que tudo indica, a harmonia, o conjunto, que une o todo às partes sem que nenhuma delas seja injustiçada.

Porque então, voltamo-nos a essa proposição acerca da saúde neste sentido? Ora, nosso intuito é o de apresentar o refundar do conceito de saúde em Platão. Consequentemente, não poderemos nos perder ao apresentar tal conceito. Para isso, será necessário entender o que era saúde em sua época e o que é saúde nos dias atuais.

A definição de saúde segundo a OMS – 1948 preâmbulos da constituição da assembleia mundial da saúde – é como “o completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de enfermidade”.

Levando em consideração que uma palavra deve por si própria carregar o significado daquilo que se fala, se pensarmos em saúde nos dias de hoje, levando em consideração a definição da OMS, veremos que tal definição, mostrará que o conceito de saúde está ligado a forma com a qual a população se relaciona e se desenvolve.

Notamos que há certa semelhança com os gregos quando enunciamos que a saúde é o total bem estar físico, mental e social. Contudo, o conceito, ou a definição, não conjunham com a realidade a qual a população vem sendo submetida. Pois, tanto na época de Sócrates, falar em saúde pública era falar em sanar a parte e não o todo – nisso se deu grande parte de suas críticas – como nos dias atuais, encontramos o trato apenas para a parte, e nisso se dá nossa crítica, pois, se oferecemos o trato apenas para o *bem estar físico*, necessariamente, estaremos, desconsiderando o *bem estar mental* e o *bem estar social*. Sim, para falarmos e oferecermos saúde, havemos de oferecer o cuidado para o físico, para o social e, sobretudo, para o mental. Do contrário, será algo paliativo.

Gozar de saúde, seja para os gregos, seja para os dias atuais, é estar em harmonia com o meio e consigo, não significa apenas não padecer de enfermidades. Contudo, ao que tudo indica, essa saúde, ou bem estar, no século XX, vem superando esse intento, o da harmonia. Nos dias atuais, basta que o corpo passe pelo processo de extirpação do mal, em que o mental e o social, instintivamente por necessidade, galgarão a conformidade com o meio e com o mental. Para tanto, existe, hoje, a vasta área de especialistas que possibilitam, àqueles que se encontram em desequilíbrio, os contratos, ou seja, para os que buscam e possuem tempo, disposição e dinheiro poderá passar por tratamentos nas mais diversas áreas. Dessa forma, teremos novamente o que outrora, fora apresentada como medicina vulgar, passa a se tratar o corpo

separadamente da psique: essa passa agora a outro departamento, psicologia e ou psiquiatria e nem sempre haverá entendimento entre o que cuida do corpo e aquele que cuida da mente/alma.

Nosso intuito não é o de apenas criticar a fragmentação da medicina, muito pelo contrário, sabemos da importância e relevância de cada uma das áreas, mas há de haver entre elas, o acordo intrínseco da realidade da pessoa, ou seja, a de que o homem não é apenas corpo, jogando a psique como se essa não tivesse valor. Vimos há pouco, o corpo possui um governante e esse é a alma. Entretanto, quando se pensa em definição de Saúde<sup>45</sup>, busca-se justamente a definição daquilo que compõe “todo”, corpo e alma. Porém, se apresentarmos a saúde apenas as partes, fragmentando-a, voltaremos aos atributos. Apresentando a parte, vemos apenas o atributo.

Assim, nos parece, que para apresentarmos o significado de S, usamos outros significados para tal atribuição. Isto é, para explicar o que significa S, usamos outros predicados – que chamaremos de atributos – além, ou aquém do que seja saúde. Essa forma de definição, ou seja, por atributos, encontramos no sentido das palavras ou nos sentimentos abstratos como amor, ódio, tristeza, alegria... Saúde se torna, em sua definição, subjetiva, pois, S não será apenas a ausência de um aglomerado de sofrimento somático/psíquico, mas toda e qualquer alteração ou prejuízo consciente do desempenho social/pessoal.

Dessa forma, todas as vezes em que tentamos significar o que seja saúde, nada mais, nada menos, encontramos-nos no campo infiel da metafísica. E porque não dizer, voltamo-nos aos atributos. Mesmo porque, cada conceito que não seja constatado, como evidente, claro e distinto, será mais um conceito em busca de definições. Dessa forma, não basta dizer tenho saúde

---

<sup>45</sup>Saúde a partir de agora será referenciada apenas pela letra S. Quando necessário usaremos a palavra completa.

apenas pelo fato de não ter enfermidade física. Declarar-se *saudável*<sup>46</sup>, implicará no completo bem estar da dicotomia alma e corpo e o equilíbrio entre essa. Contudo, é sabido, nos dias de hoje, ao que tudo indica, sempre haverá algo incomodando o ser humano, assim, poderíamos até seguir alguns estudiosos que dizem não ser possível afirmar que alguém possa gozar de *completo bem estar*<sup>47</sup>, ou seja, impossível dizer que uma pessoa está 100% bem – segui-los não será necessário no momento, basta-nos a especulação, pois, ao que nos parece, o homem atual não é capaz de se afirmar inteiramente saudável.

Algo nos chama a atenção nas linhas anteriores, pois, ao cogitarmos saúde nos dias de hoje, será o mesmo que falar do bem estar? Decerto, mas, o que entender por bem estar? Talvez em linhas gerais, poderíamos dizer que bem estar é o equilíbrio entre aquilo que queremos e que também podemos fazer. É o equilíbrio entre as atividades laborais com horas de atividades prazerosas. É o convívio, o respeito, acesso à moradia, a saúde, educação. É equalizar os tempos dessas atividades respeitando os limites impostos pelo dever e o prazer. Bem estar seria a utilização entre a satisfação e as necessidades, sejam elas naturais conscientes ou inconscientes, bem estar seria talvez, como defendido por Platão, a justa medida, e porque não dizer que bem estar é a justiça equalizando o ser e o estar. Como é notória, essa justiça, será *como uma espécie de saúde, boa condição*. (PLATÃO – 444 d-e). Uma espécie de saúde, boa condição, bem estar. Em termos platônicos, notaremos que justiça é aquilo que oferece a harmonia entre as partes, e quando houver equilíbrio entre elas, esse ser, que une *psique/nous e soma*, alma e corpo, poderá dizer que tem saúde.

### **2.3Saúde em definição da OMS é total bem estar físico, mental e social. Saúde em definição de Platão é justiça.**

---

<sup>46</sup>Notável, para dizer da saúde já usamos algo além ou aquém de seu significado, ou seja, saudável;

<sup>47</sup>Outro conceito para explicar o conceito de saúde:“completo bem estar”.

Notavelmente, para que se tenha o bem estar biológico, este necessariamente deverá estar ligado ao bem estar psicológico. Isto é, equilíbrio entre as partes dicotômicas. Nesse sentido encontraremos fortes suportes não apenas nas obras de Platão, mas também nas de Aristóteles, que exemplo de seu mestre, dirá que encontraremos o equilíbrio das coisas na justa medida, na temperança e justiça. Além do bom uso do equilíbrio entre a falta e o excesso, contemplaremos a alma virtuosa e, tal como já vimos, quando buscamos a virtude, a justiça estará sempre presente. Destarte, se o bem estar é o que compõe a saúde, jamais poderemos dizer que uma pessoa a possui se houver falta ou impossibilidade de qualquer componente que suplante o bem estar.

Parece-nos que houve uma inversão nos conceitos. Saúde, ao que tudo indica, para Platão, era a Justiça, e quando essa existisse, o *bem estar* estaria presente, isto é, a pessoa teria saúde. Já nos dias atuais, pensamos primeiro em bem estar<sup>48</sup>, para daí falar em saúde, por vezes, a justiça, ou o que é justo, sequer entram no assunto. Então, se por ora, definirmos saúde como bem estar, será possível verificar que a saúde, por vezes, será algo momentâneo, que pode ou não ser algo possível. Por assim dizer, se atendidos todas as possibilidades do bem estar<sup>49</sup>, dizemos que a pessoa tem saúde, senão, a saúde está comprometida, ausente. Assim, o ser vivo caracterizado saudável deverá ter completamente atendidas suas necessidades, sejam elas físicas, mentais ou corporais. E como e quando isso é possível? Como no mundo atual oferecer o que é justo?

Não devemos esquecer que estamos tratando de um conceito abstrato, e mais uma vez parece-nos acertado, comparar o conceito de saúde com a *politeia*. Acertamos, pois no texto acima, apontamos que o erro de Platão

---

<sup>48</sup>E bem estar aqui, nem sempre é relacionado ao bem estar do corpo e alma, basta que os desejos materiais sejam realizados, que por vezes ele suprimam o bem estar relacionado a saúde.

<sup>49</sup>Se falamos em bem estar, sem antes pensar em saúde, será mesmo que a preocupação das pessoas nos dias atuais é de fato com a saúde plena, ou seja, equilíbrio entre corpo e alma? Ou seu desejo pelo bem estar é algo mais parecido com o possuir do que com o ser. E possuir no sentido de ter algo além de si, por assim dizer, bens materiais e valoráveis.

acerca da cidade ideal, foi à lida com o universal, com aquilo que é abstrato, com o que está no mundo das ideais. Quando idealizou a *politeia*, Platão praticamente desconsiderou o real, o material, o individual, ou se, se quiser, o singular. Dessa forma, a comparação se dá, devido ao fato de que, quando lidamos com saúde em termos conceituais, essa lida será abstrata. Em termos de saúde, teremos de sair do ideal e descermos à prática, para o singular que está presente no tempo e no espaço, que oferece fenômenos e esses se diferenciam em ato e potência. Se desejarmos favorecer saúde a outrem, teremos que oferecer o que é justo, o bem estar, visando algo individual, por vezes restrito e particular.

Comumente, nos dias de hoje, é oferecido o trato apenas para a doença, para a enfermidade, e nesta ação estamos, *apenas e tão somente*, extirpando o problema físico. Não oferecemos a esse que sofre a relação, oferecemos apenas técnicas. Por exemplo, retirar um câncer de sua alocada, não significa que se está curando uma pessoa. Quantas vezes em intervenções cirúrgicas a tumor é retirado, o paciente passa por todo o trauma do tratamento e, meses após, vemos a mesma doença se manifesta em outra parte do corpo? Retirar o câncer, não significa oferecer a cura. Mas, para que haja a cura, será preciso a descaracterização dos conceitos universais, o abdicar das ações tecnicistas e o entendimento de que cada um reúne em si, partes e todo, e que nem sempre sanar a parte é cuidar do todo.

Para oferecer o que é justo, e porque não a cura ao ser humano, devemos antes pensar em oferecer a justiça, descaracterizando o universal para assim oferecer o equilíbrio entre as partes que une o todo. Pode parecer loucura apresentar tal tese acerca da saúde, e até mesmo que estamos partindo para uma nova utopia acerca de... Contudo, utópico é oferecer *saúde* de uma forma igualitária. Tratar ou oferecer saúde de forma igualitária é correr riscos. Podemos tomar um exemplo simples – sem ou quase nenhum dado teórico, mas que quase sempre estamos sujeitos. Uma pessoa que passa por distúrbios mentais não identificados, mas que, no entanto, apresenta sintomas *semelhantes* a do mal de Alzheimer, por vezes é tratada com o mesmo tipo de

medicação. Quando na verdade, após uma anamnese – simples fato de ouvir e procurar entender e não apenas diagnosticar o paciente – se descobre que a pessoa na verdade tinha a doença de *GRAVES*<sup>50</sup>. É comum, nos dias de hoje, irmos ao pronto atendimento com uma série de sintomas, por exemplo, dores no corpo, febre alta, tonturas e de imediato somos diagnosticados com virose, virose? O que vem a ser virose?

Será que o erro, tal como na *politeia*, está em tratarmos todos de maneira igualitária<sup>51</sup>, colocando-os dentro da caixinha de técnicas, encaixando uma série de informações de forma dedutiva, em que se chega a diagnósticos gerais para tratar o particular? Na *politeia*, havia, apesar das divisões das classes, uma proposta igualitária. Já nos dias atuais, oferecemos a todos a igualdade, mas não podemos deixar de lado, que apesar de sermos todos, uma mesma espécie, não somos todos iguais, e tão pouco, temos as mesmas necessidades. Além do mais, nos dias de hoje há uma série de inversões, o paciente, por exemplo, passou a ser cliente, cliente?

#### **2.4 De clientes a pacientes: uma proposta levinasiana de reconhecimento do outro enquanto paciente**

Quem tem cliente é lojista, comerciante, que troca mercadoria por dinheiro. De uma forma bem particular, *eu*<sup>52</sup> gostaria, tal como Milton de

---

<sup>50</sup>A doença de Graves é a principal causa de hipertireoidismo. É uma doença auto-imune de etiologia não esclarecida, certamente multifatorial e com evidente predisposição genética. A sua frequência, a sua natureza auto-imune e as consequências potencialmente graves da doença não tratada fazem dela objecto de intensa investigação, tendo em vista a melhor compreensão dos mecanismos patogénicos e a descoberta de novas terapêuticas, mais eficazes e idealmente dirigidas contra o próprio processo auto-imune. Sinais: Taquicardia sinusal, fibrilhação auricular, Tremor fino, hipercinésia, hiperreflexia, Eritema palmar, onicólise Queda de cabelo Fraqueza muscular Insuficiência cardíaca congestiva de alto débito, Coreia, paralisia periódica, psicose. Acesso: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/am/v22n4-5/22n4-5a07.pdf>>15/07/2014

<sup>51</sup>Platão, apesar de assumir a *politeia* como utópica, idealizou a igualdade de modo tal que houvesse justiça para todos, nisso podemos notar que ante a igualdade, ele pensava aquilo que equivale do um ao outro, por assim dizer, em termos primordiais, a equidade.

<sup>52</sup>Sabemos não ser usual usar a primeira pessoa em trabalhos de dissertação, contudo, neste caso, ao nosso entender, foi necessário.



Paraíso Perdido, ou como o próprio Sócrates, saber expressar de forma imaculada a indignação que perpassa em *minha* mente neste momento, contudo, não lograrei a questão, acaso Saúde transpôs o conceito original, e seja lá o porquê, passou a ser mercadoria? Se sim, não tratamos mais o doente, e sim a doença! E sendo assim, não temos mais pacientes, e sim clientes! Talvez por esta razão, poderemos chamar o profissional da área da saúde de técnico e não mais proficiente na área de saúde. Técnico lida com peças, extirpa problemas, cobra por sua manutenção e visa o maior número de consertos possíveis.

A inversão dos conceitos ou uso das *palavramundo*<sup>53</sup>, vieram ao longo dos anos transliterando o trato no relacionamento, se antes era a justa medida que equalizava a saúde, hoje é o perfeito bem estar, o que nos parece muito semelhante aos gregos. Entretanto, se antes tínhamos paciente, hoje temos cliente. Se antes a medicina era dedicada a cumprir o que se jurava a Apolo, oferecendo suas habilidades sem remuneração, hoje se jura por notas promissórias, contratos e cheques calção. Talvez por isso, já na antiga Grécia, Sócrates alertava sobre a medicina que ele chamou de vulga, e nos dias de hoje o professor Segre<sup>54</sup>, em outras palavras diz algo semelhante. O trato não existe mais, o que existe são *contratos*. O tempo hoje está disposto para as técnicas e não para o cuidado. O tempo de hoje nos leva a agir em série, desconsiderando o afetivo. Hoje os hospitais não têm mais pacientes.

Quando pensamos o paciente, estamos ligando-o a um profissional da área da saúde, o que nos dá a ideia de relação, e relação, inclui cuidado. Agora quando há o distanciamento, chamando-o de cliente, trataremos apenas da doença e não do doente, haja vista, não tem relação. O papel do profissional nesse momento é o de sanar os problemas que interferem no bom

---

<sup>53</sup>Paulo Freire – A importância do Ato de Ler

<sup>54</sup>Rev. Saúde Pública vol. 31 no. 5 São Paulo Oct. 1997

desenvolvimento de seu cliente, tal como um técnico que faz a manutenção de uma máquina de lavar roupas. Ainda assim, falando analogamente, um técnico precisa estabelecer cuidado ao reparar o dano de algum equipamento, entender o porquê de sua manutenção. Pois, por vezes, o problema não está na máquina física e sim no seu condutor, a saber, pode haver um desvio de tensões elétricas no corpo de uma casa que acabam por ocasionar problemas no funcionamento deste equipamento, levando-o a manutenção. Contudo, qual é o papel do profissional da saúde? Tratar o enfermo como paciente ou como cliente?

Apenas uma observação: não podemos confundir, nem tão pouco abolir o termo paciente, transliterando o para o termo cliente. Ainda que em algumas instituições, o tratamento seja ala hotel cinco estrelas cliente e paciente estão em esferas extremamente contrárias, opostas, desiguais. Um cliente em um hotel 5 estrelas está lá para descontrair. Se supõe, que está ali por prazer, até mesmo por honra, tem sua privacidade e integridade preservada. Já um paciente, quando em tratamento, está ali por necessidade, o prazer é substituído por dor, e a honra, muitas vezes por humilhação. O paciente quando tratado como mais um, se sente invadido, corrompido. Se transliterarmos o termo paciente para cliente, teríamos mais uma vez a saúde no parâmetro da utopia. Sendo que, não é toda a classe de seres humanos que gozam de tal recurso, ou seja, poucos mortais teriam acesso a hotéis cinco estrelas, sequer na área da saúde.

Entretanto, quando há relacionamento, no reconhecimento do binômio profissional/paciente, existe a parceria e essa de um lado envolve conhecimento e técnica; já do outro, disposição em ser atendido por esses pares, conhecimento e técnica. Mas, antes mesmo da técnica, deve-se haver a humanização na área da saúde. Só poderemos falar de saúde, quando houver cuidado, quando houver disposição, quando houver relacionamento. E nesse relacionamento está toda a essência do cuidado da saúde, pois aquele que procura a medicina, necessariamente nega sua própria autonomia. Literalmente se sujeita a outrem.

E nisso se dá toda a assunção que Lévinas<sup>55</sup> apresentará como analgesia, depositada àquele que cuida, direcionada ao que carece de cuidado. Para Levinas, o paciente não é apenas meio, ele é fim, e quando esse fim busca por um recomeço, ele interpela a relação inter-humana, que para o autor, é a chamada responsabilidade. Quando a responsabilidade é negada a esse que sofre, é o mesmo que contra esse cometer violência. Quando o paciente se torna apenas meio, ou seja, meio de técnicas, quando deixa de ser paciente para se tornar cliente, poderemos dizer que essa nomeação distancia o trato. Nisso é desconsiderado que esse paciente diz respeito aos técnicos, o que se interpela, ou padece, ou sofre de nada interessa, pouco importa aos técnicos se a identidade desse ser está sendo dilacerada pela dor. Importa tão somente, que essa dor possa favorecer determinadas técnicas. Ademais, o que mais favoreceria o bom uso e sucesso das técnicas que um ser sem identidade? Mas, uma vez que se priorizam as técnicas desconsiderando o valor do paciente, estamos deixando de lado sua identidade, estamos deixando de lado o outro, o humano. Para Levinas, ética, é responsabilidade, e responsabilidade é dar prioridade ao outro, sobretudo, ao que sofre. Ao que nos apresenta o único valor absoluto, é a possibilidade humana de dar, em relação a si<sup>56</sup>, a prioridade ao outro. Para o autor, esse se dá, é quase uma revelação divina, reconhecer outrem, é compreender a santidade incontestável<sup>57</sup> da relação, e nisso para nosso referido autor, é a presentificação de Deus.

Para Lévinas, devemos enquanto aquele que é apelado por outrem, ser a esse analgesia, devemos, ser para o apelo original, o auxílio, o socorro curativo, e não apenas *sanativo* tal como tem sido a medicina atual, para o autor devemos ser, e porque não dizermos, que a medicina deveria ser:

---

<sup>55</sup>LEVINAS, Emmanuel. Entre Nós: ensaio sobre a alteridade.

<sup>56</sup>LEVINAS, Emmanuel. Entre Nós: ensaio sobre a alteridade. p.150

<sup>57</sup>Idem

Abertura original em direção daquele que socorre onde vem se impor – através de um pedido de analgesia mais imperioso, mais urgente no gemido que um pedido de consolação ou adiamento da morte – a categoria antropológica do medical, primordial, irreduzível, ético. (LEVINAS, 2005)

Para que a área da saúde se apresente como analgesia, primordial, irreduzível e ética, será preciso, pelo menos, oferecer relação afetiva àquele que interpela. Será preciso ter consciência dele. Sabemos que, não é possível sentir a dor de outrem, mas é possível através da ética do cuidado, ser inevitavelmente *uma suposta medicação*, esse é o dever ético dos profissionais da área da saúde, e esses, quando humanizados, são os únicos capazes de oferecer analgesia ao enfermo. Contudo, quando se trata a todos de igual modo, oferecendo, ao que apela, o mesmo tipo de contratos, estamos cada vez mais distantes da justiça. Se supostamente há dedicação à dor de outrem, é possível ver o valor primordial, irreduzível, ético e porque não dizer, justo, na relação área da saúde/paciente. Há de fato nesta justiça, o trato curativo.

Faz-nos afirmar então que para Levinas– e assim deveria ser para a área da saúde – cada ser é um, único, e ao olharmos para seu rosto, além de preservarmos sua identidade, estamos a esse fazendo justiça essa ação é o mesmo que ocupar-nos com o cuidado, com responsabilidade. E, quando estamos em posse desse cuidado, estamos próximos daquilo que chamamos de equidade, olhar em seu rosto é assumir ante ao outro a responsabilidade.

Mas é sempre a partir do Rosto, a partir da responsabilidade por outrem, que aparece a justiça, que comporta julgamento e comparação, comparação daquilo que, em princípio, é incomparável, pois cada ser é único, todo outrem é único. Nesta necessidade de se ocupar com justiça aparece a ideia de equidade. (LEVINAS, 2005)

Talvez nesse ponto as ações da Bioética tornem-se possíveis e necessárias. Porque, no lugar de sujeição meramente tecnológica, há o que podemos chamar do cuidar. Na busca pela justiça, as ações bioéticas visam oferecer a equivalência entre as partes, a equidade. Por isto, mais uma vez a Bioética poderá mediar à relação entre pacientes e profissionais da área da

saúde – pois, antes mesmo do medicamento, a analgesia deveria vir do próprio profissional da área da saúde. Mesmo porque o paciente a esse está sujeito e confia. Há nessa sujeição a chamada transferência e aquele que recebe o aval da autonomia e sujeição alheia, isto é, do paciente, deveria em seu poder absoluto, volver olhar ao doente, não apenas à doença. Quando há a chamada transferência, há a eleição, e essa é característica fundamental da confiança. Aquele que se deposita ao cuidado, e não meramente ao técnico é aquilo que podemos chamar de humano. E, para nosso entendimento, a Bioética, entre outros aspectos, está preocupada com a humanização, com o cuidado.

Na busca pela ética, encontraremos não apenas o conhece-te a ti mesmo socrático, mas essa também poderá se apresentar à Bioética através da ética do cuidado. Veremos que o discurso, tanto socrático, quanto, levinasiano, apontará o cuidado com a saúde como princípio de toda ética. Decerto modo, o agir bioético deverá partir dos ensinamentos socráticos, e juntamente, deverá se embeber das propostas levinasianase sendo a Bioética aquela que circula no meio da saúde, juntamente, deverá propor aos profissionais da área da saúde a máxima que diz que a eleição daquele que cuida é a característica fundamental da pessoa humana. A transferência, a eleição, é para poucos. É responsabilidade, é assunção. Temos ali a palavra de Deus, representada por pares que se completam sem técnicas, sem ensinamentos, temos ali o dito. Ali não há substituto, há apenas responsabilidade e essa é incessível. Levinas diz que *a eleição, não é, em absoluto, um privilégio*, mas sim, que a eleição é acima de tudo, *a característica fundamental da pessoa humana, enquanto moralmente responsável*<sup>58</sup>.

Contudo, quando há disposição apenas ao meio tecnológico, o paciente é esquecido e a relação ética afetiva é deixada de lado. Com isso, tão pouco poderemos falar de bem estar e sequer de saúde. Entretanto, é preciso ter em

---

<sup>58</sup>Ibdem p.149

mente, que o paciente quando encontra o cuidado, nega a si próprio em conforto e confiança, depositando-se ao que a ele responde.

No entanto, é preciso saber que quando o paciente nega a si mesmo, transliterando-se a outrem, há nele certa limitação do entendimento de si, e nisso, cabe àquele que a si próprio se reconhece, reconhecer em outrem o seu lugar, dando àquele que sofre, identidade, ou o primeiro lugar, deixamos de lado o poder, as técnicas e passamos, por assim dizer, à humanidade, à consciência, ao acolhimento, à Bioética. O nos deixar de lado, não é abdicar de nossa consciência profissional/técnica ou o que somos. Mesmo porque, pelo que somos e por nossas técnicas, também fomos chamados, mas dar ao outro o primeiro lugar é dar a ele prioridade. A relação com outrem, que é paciente, é o despertar àquilo ao qual o profissional da área da saúde foi chamado, é obrigação. Contudo, essa obrigação é antes de qualquer técnica, humana. O paciente não dá entrada ao PS a fim de romper com o presente daqueles que ali estão, não, ele vem em súplicas, busca o que se perdeu em seu passado, busca a sincronia do que era e está. A própria identidade. Dilacerada pela dor, pela enfermidade, pelo sofrimento. E uma vez que o profissional da saúde foi eleito por este paciente, ainda que o futuro não lhe pareça possível, ele *deve* ter por este, responsabilidade.

Na minha responsabilidade por outrem, o passado de outrem, que nunca foi meu presente, me diz respeito, não é para mim re-presentação. O passado de outrem e, de algum modo, a história da humanidade, da qual jamais participei, à qual jamais estive presente, é [também] meu passado. Quanto ao futuro... [retomemos a sincronia perdida, ainda que cristalizada em pequenos momentos de identidade<sup>59</sup>]. (LEVINAS, 2005)

Por esse motivo, vemos que não é de bom tom chamar um paciente de cliente, chamá-lo de cliente, é afastar deste que padece, todas as possibilidades de humanização, é romper com seu passado, presente e futuro,

---

<sup>59</sup>Grifo nosso

é transliterar sua identidade para contratos, é deixar de lado o afetivo e participá-lo apenas de técnicas.

Nas palavras do Professor Segre:

Dir-se-á que no mundo atual, com a medicina em grande parte socializada (pré-paga), estatal ou não, com o profissional de saúde habitualmente mal ressarcido (não dispondo de tempo e espaço afetivo para dedicar-se seriamente a cada um de seus pacientes), a criação e preservação dessa ligação afetiva entre o profissional de saúde e o cliente é tão irreal quanto a expectativa de "perfeito" bem-estar [...]. O relacionamento profissional de saúde-paciente é, sabidamente, uma parceria entre duas pessoas, das quais uma delas detém o conhecimento técnico-científico, que põe à disposição da outra, que o aceitará, ou não, contrariamente ao que pensam muitos médicos que percebem esse relacionamento como uma subjugação, suspendendo-o diante de dúvidas, críticas ou "desobediências" do paciente;... É nessas condições, de pleno exercício da *autonomia* de duas pessoas, que o tratamento terá sucesso, a menos que uma delas - o "paciente" - renuncie à sua própria autonomia, optando pela sujeição a uma postura mais paternalista do profissional de saúde, o que é frequente, dada a condição de "regressão" que o mal-estar habitualmente produz [quando os chamamos de] ...cliente. (SEGRE – 1997)

Além da medicina socializada, o professor Segre, em seu texto fala sobre a autonomia, o que nos dá a entender, que para que haja sucesso no trato, o paciente deve ceder e o profissional torna-se assim paternalista. Sinceramente, quando não dominamos o que temos, por assim dizer, um mal do corpo, e ou quando não sabemos exatamente o que somos, isto é, ignora o conhece-te a ti mesmo, nada mais natural que surja alguém que conduza este mal ou a ignorância para fora daquele que desconhece tal como um pai que encaminha seu filho, ou assim como Sócrates, consideravam-se parteiro de almas, os profissionais da área da saúde deveriam, sim, ser pais parteiro dos males existente no seu paciente. Entretanto, deveriam oferecer a esse, o cuidado analgésico e despojamento conceitual que por vezes é o maior problema dos profissionais da área da saúde. Quando se trata com pessoas,

havemos de considerar cada qual, e não nos utilizarmos da dedução. Favorecendo assim, equidade, autonomia e paternalismo, e esses se bem equalizados, não comprometerá de forma alguma a saúde, muito pelo contrário, irá assim como Hipócrates, dedicar-se a ela. No entanto, com as mudanças conceituais, o paternalismo sobressaiu à autonomia. O paciente se calou e se tornou cliente.

Contudo, se houver o predomínio da transliteração paciente/cliente, poderemos descartar toda a chamada ética do cuidado apresentada por Levinas e veremos o motivo pelo qual, Sócrates, já em seu tempo, chamou a medicina de vulgar, pois ela já dava indícios de que calaria o enfermo. Notavelmente, vemos o poder de uma arte sobressaindo ao seu papel. A medicina, no lugar de se apresentar ao paciente a que foi chamada, exerce sobre ele o seu poder. Pudera dizer, poder absoluto.

### **3 Princípios Bioéticos? Referencias socráticos!<sup>60</sup>**

Como vimos acima, quando deixamos de atender ao paciente como tal e transliteramos para o termo cliente, estamos deixando claro, que na atualidade os médicos exercem sobre o paciente certo poder. Vimos também, que de certa forma, o paciente quando em busca de cuidados, confia e espera que “seu” médico dê a ele o que é esperado. Este, por vezes nega a si mesmo em confiança àquele ao qual se dispõe. Assim, se por um lado, o paciente se devota ao médico, o médico, também assim deveria se devotar a seu paciente. Mas ao que tudo indica, o que está havendo é que o médico em sua especialidade esqueceu de que o paciente é aquele que padece. O médico deixou de lado o trato e passou a exercer o seu atributo e esse que por muitas vezes lhe dá a validade do exercício do poder exigindo assim contratos.

---

<sup>60</sup>O que nos é apresentado como princípios/referenciais possivelmente já era usados pelos gregos, e veremos que Temperança, Moderação, Prudência e Sabedoria são fundamentações socráticas sobre cuidado de si e do outro enquanto todo.



É sabido, que o médico, enquanto aquele que cuida, exerce o poder de suas habilidades, contudo, o erro do poder está no mal uso de tal atributo. Por esse motivo, vale lembrar que o conhece-te a ti mesmo é de extrema importância, pois uma vez que conhecemos a nós mesmos, no caso, o próprio médico e ou profissional da área da saúde, veremos que esse participou de experiências anteriores – o que poderemos chamar de saber empírico. Nisso, o profissional reconhecerá em si mesmo que não poderá dispor do poder absoluto. Uma vez que esse profissional busca o poder para cuidar, será preciso que ele conheça ao menos as três classes de conhecimento que geram naqueles que buscam a virtude, o prazer de ser virtuoso. Sabendo que a conduta é por si mesma objeto da conduta, teremos então, nesta atitude uma reflexão ética e não meramente o exercício do poder por poder ou meramente a chamada autossuficiência. Quem detém o poder precisa ter em mente o que é sabedoria e prudência, sendo assim, esse será justo.

E a chamada autossuficiência deve relacionar-se acima de tudo com a atividade contemplativa; realmente, ao passo que um filósofo, tanto quanto uma pessoa justa ou dotada de qualquer espécie de excelência, tem necessidade das coisas básicas da vida, as pessoas justas, enquanto estão suficientemente providas destas coisas, necessitam de outras pessoas em relação às quais e com quem elas possam agir justamente, e as pessoas moderadas, as corajosas e cada uma das demais estão no mesmo caso; o filósofo, todavia, mesmo quando está só, pode exercer a atividade de contemplação, e tanto melhor quanto mais sábio ele for; ele talvez possa fazê-lo melhor se tiver companheiros de atividade, mas ainda assim ele é o mais auto-suficiente dos homens. (ARISTOTELES P.202 1985)

Quando a pouco ousamos comparar a saúde com a politeia, buscávamos mostrar que ambas as propostas são boas, contudo, ao que nos parece, o problema encontra-se no mal uso poder, ou porque não dizer na administração do poder. Uma vez que alguém detém o poder, esse alguém necessariamente deverá ser partidário e de forma alguma tendencioso a uma das partes. Pois, uma única tendência, prejudicaria uma das partes envolvidas. Aquele que detém o poder, deverá antes pensar em ações reguladoras, as

quais indicarão qual a melhor forma de atuação ou qual a melhor delegação. Ainda que pareça contraditório, o poder deve de certa forma existir, mas com o fim de oferecer entre as partes a justiça. Havemos de concordar que para que haja poder será preciso a presença de uma ação moderadora, se estamos a falar de conceitos é sabido que encontraremos nos referenciais tal ação. Dessa forma, o poder quando moderador, contemplado por sabedoria e prudência será justo, já o contrário, quando a ação não contemplar os referenciais, gerará a ação injusta.

Se pensarmos no poder enquanto ação justa, moderada, contemplaremos o conhece-te a ti mesmo já seu contrário, isto é, quando em ação injusta, teremos o esquecimento de si. No entanto, vale nos lembrar aqui que as ações do conhece-te a ti mesmo vem seguido pela máxima *nada em excesso*, por isso para Sócrates de Platão, era necessário o conhecimento de si para depois se atingir ao outro e nisso se dava o que também apontamos como o saber empírico. *Platão, não vê outro meio para atingir este objetivo senão o da experiência interior* (JAEGER, P. p.661). Entretanto, também era apresentado por ele que quando se enaltece o valor da própria vida – atributos – sem conhecer o que se é e aos outros, cairíamos nos vícios do prazer. Assim sendo, sem uma das duas características o poder gera apenas prazer e o prazer sem virtude deturpa o poder. E é no exercício do poder que revelará de fato quem se é. E se buscamos a justiça, neste ponto veremos de que forma ela se apresenta dentro das ações de um poder moderado.

Com efeito, a justiça é a forma perfeita de excelência moral porque ela é a prática efetiva de excelência moral perfeita. Ela é perfeita porque as pessoas que possuem o sentimento de justiça podem – de poder – praticá-la não somente em relação a si mesmo como também com relação ao próximo. É por isso que se consideram bem ditas as palavras de Bias: o exercício do *poder revela o homem*. (ARISTOTELES ET. N P.93)

Notavelmente, o homem busca por prazeres, contudo o prazer por ele mesmo deverá ser – ao menos para aqueles que tratam com a vida alheia – desprovido de interesses, do contrário, entraremos apenas na esfera do poder

e da ilusão, e porque não dizer dos atributos. Contudo, em que parte do universo encontraríamos uma ação que não provém de interesses?

Aparentemente, podemos pensar naqueles que buscam pela justiça. Talvez, a Bioética, aliada a alguns filósofos, poderia propor o que nós oferecemos a fazer, pois, na busca pelo *refundar* do conceito de saúde, acabamos por concluir que encontraremos tanto nos referenciais bioéticos, quanto no refundar do conceito de saúde aqueles que visam oferecer aos que carecem, a justiça.

Mas a vida do justo não é só mais feliz que a do injusto; além disso, nem sequer é mais proveitoso, de forma alguma, ser injusto e parecer justo... Platão chegará a esta conclusão, ao definir a justiça como saúde e harmonia da alma. (JAEGER, P. p. 664<sup>61</sup>)

E se a Bioética tem como seu fim último o que é justo, novamente afirmamos que já na antiguidade o agir bioético existia. O agir bioético como já vimos será aquele que dentro de seus referenciais saberá deliberar acerca de algo. Oferecendo justiça. O agir da bioético contraria aqueles que apenas prezam pelo poder, que não sabem deliberar e agem como quem comandam à besta existente dentro de si e nisso cometem erros, e a permanência do erro, gera o poder injusto que por sua vez alimenta a besta. No caso, a ignorância. Por vezes, aquele que detém o poder injusto, arrebatada multidões, nutrindo a ignorância alheia. Já os que buscam pela justiça, que agem com sabedoria e prudência, submetendo tudo ao que em *nós há de divino* oferecerão justiça e uma vez que aquele que estiver no poder souber oferecer o que é justo, toda sua equipe triunfará sobre as atitudes bestiais.

Quem preza a injustiça dá o comando à besta selvagem e multicéfala que existe em nós. Somente

---

<sup>61</sup>No livro a Republica Socrates apresenta a diferença entre justo e injustos Republica 445 a cf 444 c-e

[aquele que conhece a si mesmo] que fortalece e faz prevalecer a natureza obediente do homem, submeterá tudo o mais ao que em nós há de divino. A sujeição do melhor ao pior nunca pode ser benéfica, pois vai contra natureza. (JAEGER, Pp. 665)

Por isso, antes mesmo de pensar em poder governar, aquele que possui tal tarefa, deverá antes, governar a si, seus apetites, desejos e paixões, e uma vez suas paixões controladas, esse poderá pensar em governar algo de fato ativo.

O homem que Platão chama de justo não encontra nenhum ponto de apoio para sua educação no Estado real, que não passa de um reflexo obscurecido da natureza humana superior. Como o próprio Platão diz em outra passagem, dedicar-se-á principalmente a formar a si próprio, na falta de um Estado perfeito onde possa intervir ativamente. Este homem, porém, traz na sua alma o verdadeiro Estado e age e vive em vista dele, embora não viva dentro dele. (JAEGER, P. p. 665)

Pelo contrário, ele contemplará o governo dentro de si e zelará para não o perturbar, seja através do excesso [...] ou de sua escassez. E desta forma ela dirigirá tanto o aumento quanto o gasto de sua riqueza...E contemplará a mesma coisa no que concerne às honras. De boa vontade participará e fruirá daquelas que acredita a tornarão melhor, mas se esquivará a toda honra pública ou privada que poderia derrubar o estado vigente de sua alma. (PLATÃO – 2010 500d 591e 592a)

Como vimos, se por um lado o estado ideal, ou a *politeia*, é utopia, o estado real, o cuidado, face a face é efetivo, é Bioético, pois, se na *politeia* vimos a fragmentação ou direcionamento a poucos privilegiados, e sendo assim, pensaram a igualdade, por outro lado, veremos que o agir Bioético, será aquele que age, como se o estado fosse em nós, entretanto, um estado equitativo, oferecendo ao diferente, a deferência.

E uma vez que o Estado em nós, suscita ao cuidado, o poder não é o *único a decidir*<sup>62</sup>, pois quando assim o é, ele está acima do que é justo, e nunca teremos a justiça quando o valor individual estiver acima do que é justo. Por isso, dentro do conhece-te a ti mesmo, faz-se necessário o auto-exame constantemente, pois, *uma vida sem exame, não é vida digna de um ser humano*. (HADDOT, P.65). Vale lembrar conhecer-se a si mesmo não é instantâneo, *ele é uma transformação perpétua, uma eterna reconquista*. (HADDOT, P.65)

Sendo assim, em termos formais, ao profissional da área da saúde, é necessário entender que além de não terem o saber instantâneo sobre si, a este será igualmente preciso *aprender a recordar-se*, (HADDOT, P.64). Decerto, aprender a recordar-se a que foi chamado, recordar-se do por que se dispôs a tal chamado, e nesse recordar-se, encontraremos a base de toda a moralidade socrática, e nisso, o profissional *poderá* a chegar a proposições acertadas sobre *isso* ou *aquilo* a que foi chamado, sendo que, o que de fato importa, não é isso do que se fala, mas aquele que fala como, quando e onde fazer determinada ação, não agindo apenas por especulações, mas buscando o porquê de tal ação.

Se pensarmos na prescrição medica, não é o que se fala a fazer ou a tomar que importa, mas aquele que indica, e como indica. Por vezes, o como indicar *poderá* promover muito mais analgesia do que o próprio *pharmaco*. Nisso, se estamos a falar de ações acertadas que buscam a justiça, notaremos que aqui, o cuidado primeiramente com a alma, será toda ação acertada acerca do cuidado com outrem, não apenas descaracterizando seu paciente transliterando-o para cliente. Se atuarmos dentro dos padrões éticos morais socráticos, visando o agir bioético, partiremos antes do cuidado com a alma depois partilharmos o cuidado com o corpo. Ao que tudo indica, o cuidado deve antes começar pela alma, usando analgesia que surtam efeito tal como a indicação de sábias e prudentes palavras.

---

<sup>62</sup>Paidéia 666

Agora, a saber, quem poderá assim agir? Sobre tudo, e sobre todos, aquele que for capaz de auto se examinar, aquele que contraria a besta dentro de si, aquele que propõe o que é justo e não visa o poder absoluto e instantâneo, aquele que é prudente e se afasta dos vícios. Por isso, insistimos em dizer que o profissional da área da saúde precisa aprender a despojar-se de si, aprender a ouvir. Deverá antes de levantar sentenças acerca de um determinado quadro clínico buscar o entendimento no discurso a si apresentado pelo paciente e nisso procurar dissuadir-se de suas próprias contradições, de suas convicções. Em uso do despojamento ele *tomará distância em relação a si mesmo, desdobrando-se, uma parte de si mesmo identificando-se, de agora em diante no acordo mutuo que este exige... em cada fase do discurso.* HADDOT P. 65

Portanto, quando se ouve o que outrem apresenta, há em si uma tomada de consciência, e ao deliberar algo a alguém, a si próprio se põe em questão, nisso o erro sai de cena, pois podemos tal como Sócrates diz saber isso ou aquilo do que se fala, entretanto, não é nisso que se dará o erro. O erro se dá por agirmos desta ou daquela maneira sem o autoexame e sempre visando o excesso. E para sairmos de tal erro, deveremos abri mão de algumas ações apaixonadas que nos tirará dos vícios e nos lançará aos benefícios.

[existe uma magia] meu caro, que não serve apenas para curar a [parte]. Decerto, já ouvistes falar de bons médicos: quando alguém vai consultá-los a respeito de dor nos olhos, dizem que não podem tratar dos olhos isoladamente; para que os olhos aproveitem, é preciso cuidar simultaneamente da cabeça; do mesmo modo, imaginar que seja possível tratar só da cabeça, sem levar em consideração o corpo todo, é rematada tolice. Com esse raciocínio, determinam suas prescrições para todo o corpo, esforçando-se em tratar e curar junto a parte com o todo. (PLATÃO - 1970 156b)

Portanto, podemos notar que não há exclusão do poder nesta ação, mas sim que há uma tomada de consciência. Tomada de consciência inclui ponderação, moderação, temperança, sabedoria e, ao que tudo indica, esses conceitos socráticos são os que hoje conhecemos como referenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se segue a partir de agora, será a motivação pela qual Sócrates já em seu tempo apresentou a medicina como vulgar. Juntamente, ele nos dará a entender que através da temperança e moderação – o que a nosso entender são referenciais bioéticos – a arte da medicina sairá da vulgarização e apresentará àqueles a quem se submete o cuidado. Mostrando que através dos referenciais, isto é, Temperança e Moderação, poderemos fundamentar e refundar do conceito de saúde em Platão.

No diálogo de Cármides, veremos o empenho de Sócrates em mostrar aos presentes que antes de buscarmos cuidados para as doenças, precisaríamos antes checar o que se passa com a alma<sup>63</sup>. Mas para que isso ocorra, tal como sua feita com Alcebiades, Sócrates se dispõe a questionar Cármides. Sua investigação segue acerca do que seja temperança e moderação. Para Sócrates, não poderíamos fazer tal qual a medicina vulgar que parte para o cuidado do corpo sem antes uma previa análise da alma. Sendo que, como já é sabido, para ele o homem em si seria sua alma, e esta e o corpo estão unidos, contudo, a alma deve ser sempre o ponto de partida para o cuidado, e apenas depois se deve voltar ao corpo. Para ele, e nos utilizaremos em paralelo com a medicina atual, o fato de os helenos não atingirem sucesso nas curas estava exatamente em desconhecerem que *a parte não pode ir bem, quando vai mal todo o todo*.

É da alma, declarou, que saem todos os males e todos os bens do corpo e do homem em geral, influenciando ela sobre o corpo... É ela, por conseguinte, que, antes de tudo precisamos tratar com muito carinho, se quisermos que a cabeça e todo o corpo fiquem em bom estado. As almas, meu caro, continuou, [devem] ser tratadas com certas formulas de magia; e essas formulas são os belos e bons argumentos. (PLATÃO - 1970 157 a-b)

Podemos perceber que no texto de Carmides 157 a-b, Sócrates nos direcionará ao exercício do uso das palavras, as quais, para ele será a melhor

---

<sup>63</sup>Neste dialogo, estão algumas pessoas reunidas e Sócrates é indagado se, se é possível cessar a partir da palavra a dor de cabeça de um dos participantes.

forma de se chegar à alma. Já é sabido, para Sócrates de Platão, o homem é antes de tudo sua alma e a essa devemos conhecer. Em outro momento ao que tudo indica, Platão define saúde como a perfeita justiça da união entre alma e corpo – República 444 d-e. Sendo assim, o conceito de saúde para Platão é o perfeito bem estar ou justiça entre corpo e alma.



## Referências Bibliográficas

ARISTOTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad de Mario da Gama Kury. Brasília, Ed Universidade de Brasília, c1985;

\_\_\_\_\_. **De Anima**. Trad e notas Maria Cecília Gomes Reis. São Paulo: Editora 34, 2012, 2º edição, 360p.

FRIAS, Ivan. **Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica**. Rio de Janeiro: Ed PUC-RJ; São Paulo: Loyola, 2004;

HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga?** Ed Loyola, São Paulo, SP, 1999

HIPOCRATRES. **Conhecer, cuidar, amar: o juramento e outros textos**. Trad Dunia Marino Silva. São Paulo: ETCetera Editora de livros e revistas, 2002;

JAEGER, Werne. **Paidéia: A formação do homem grego**. Trad Artur M Pereira; adaptação do texto para a edição brasileira Monica stahel M da Silva; revisão do grego Gilson Cesar Cardoso de Souza – São Paulo: Martins Fontes, 1986;

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. 3º Ed. Portugal, Ed 70 LDA, 2008;

\_\_\_\_\_. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Direitos de publicação em língua portuguesa Ed Vozes, Petrópolis, RJ, 2004;

PESSINI, Leocir. **Problemas atuais de bioética** / LeocirPessini, Christian de Paul de Barchaifontaine – 8. Ed. Ver. e ampl. – São Paulo: Centro Universitario São Camilo: Edições Loyola, 2008;

PLATÃO. **Alcebiades**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP. Edipro, 2011;

\_\_\_\_\_. **A Republica**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP. Edipro, 2006;

\_\_\_\_\_. **Cármides**. Tradução, Carlos Alberto Nunes. São Paulo, SP. Edições Melhoramentos. 1970;

\_\_\_\_\_. **Apologia de Sócrates**. Tradução, Carlos Alberto Nunes. São Paulo, SP. Edições Melhoramentos. 1970;

\_\_\_\_\_. **Fedon**. Tradução, José Cavalcante de Souza. São Paulo, SP. Victor Civita. 1972;

PURSHOUSE, Luke. **A republica de Platão**. Trad Luciana Pudenzi. São Paulo: Paulus, 2010;

REALE, Giovanni. **Corpo, Alma e saúde:** o conceito de homem de Homero a Platão. Trad Marcelo Perine – São Paulo: Paulus, 2002;

\_\_\_\_\_. **Historia da Filosofia:** Antiguidade e Idade Média, Volume I. São Paulo: Paulus, 1990;

\_\_\_\_\_. **Historia de Filosofia Grega e Romana:** Sofistas, Sócrates e Socráticos menores. São Paulo: Edições Loyola, 2009